

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
Larissa Campos Bezerra

**CRISE E RESSIGNIFICAÇÃO EXISTENCIAL: um impulso para
o crescimento**

Taubaté – SP
2019

Larissa Campos Bezerra

**CRISE E RESSIGNIFICAÇÃO EXISTENCIAL: um impulso para
o crescimento**

Monografia apresentada para a obtenção do
certificado de Bacharel pelo curso de
Psicologia da Universidade de Taubaté.

Área de Concentração: Psicologia

Orientador(a): Prof^a Dra. Débora Inácia
Ribeiro.

Taubaté – SP

2019

LARISSA CAMPOS BEZERRA

CRISE E RESSIGNIFICAÇÃO EXISTENCIAL: um impulso para o crescimento

Monografia apresentada para a obtenção do certificado de Bacharel pelo curso de Psicologia da Universidade de Taubaté.

Área de Concentração: Psicologia

Orientador (a): Profª Dra. Débora Inácia Ribeiro.

Data: 07/11/2019

Resultado: 10 - Dez

BANCA EXAMINADORA

Profª. Dra. Débora Inácia Ribeiro

Assinatura: Débor Inácia R. Ribeiro

Universidade de Taubaté

Profª Dra. Rosa Maria Frugoli da Silva

Assinatura: Rosa Maria Frugoli da Silva

Universidade de Taubaté

Profº Dr. Régis de Toledo Souza

Assinatura: Régis de Toledo Souza

Universidade de Taubaté

Dedico este trabalho a todos que vagam na inconstância da existência e àqueles cuja coragem se estende aos limites da vida. Dedico aos que não negam a existência do sofrimento, mas que se comprometem com o exercício diário de evitar que ele ocupe um lugar de influência. Dedico a cada crise experimentada e a cada ressignificação gerada, tornando a busca de si mesmo como a possibilidade de transformação. Dedico àqueles que diante do fim, propõem novos recomeços, pois o sentido do primeiro capítulo só é alcançado ao final da história. Chamo a crise de impulso, pois há sentido em meio ao caos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Ednaldo e Tarcisia, por acreditarem nos meus sonhos e me apoiarem na ideia de tornar-me bem mais do que já fui, do que sou e do que posso vir a ser. Por todo amor, por todos os puxões de orelha e pelo suporte para além dos cinco anos de graduação, mas bem como pela presença e pertencimento no meu processo de vida. E aos meus irmãos, José Emerson, Michelle e Beatriz, agradeço pela oportunidade de dividir o mesmo tempo e espaço que vocês, pois vivo em vocês assim como vocês vivem em mim. Compartilho com vocês essa conquista!

Agradeço também aos meus sobrinhos Miguel, Ana Flávia, Sophia e Manuella, por tornarem aquilo que é essencial visível novamente aos meus olhos. Ao meu cunhado Guilherme fica o agradecimento por tantas aventuras, risadas e por nos escolher também como sua família!

Agradeço à Prof^a Dra. Débora Inácia Ribeiro, por acreditar na criatividade humana e embarcar comigo na aventura de buscarmos sentido enquanto um processo. A senhora é fonte de inspiração tanto dentro como fora de aula, e o resultado deste trabalho é um reflexo de todo o suporte, compreensão e carisma para conosco durante sua realização. Obrigada por enxergar para além da vaidade da postura profissional e fazer da sua prática um ato de revolução.

Aos professores convidados para participar da banca examinadora: Prof^a Dra. Rosa Maria Frugoli da Silva e Prof^o Dr. Régis de Toledo Souza. À primeira agradeço por oferecer a experiência de simbolizar a abordagem Humanista-Existencial como prática científica e por proporcionar reflexões para minha formação enquanto estudante e pessoa. O maior aprendizado que levo da senhora é a certeza de nunca somos, sempre estamos. Ao segundo, agradeço pela postura crítica e política, e por sempre firmar compromisso para com a necessidade de superar paradigmas e preconceitos, transformando a psicologia em uma ciência dialética e humana.

Deixo um agradecimento geral aos professores que tive contato durante o período de graduação pelos ensinamentos e conhecimentos compartilhados, imprescindíveis para a minha formação profissional e pessoal. E agradeço também a todos aqueles que, ao longo da trajetória da vida acadêmica me marcaram de maneira significativa e construíram história junto comigo: Linha 11, Centro de Psicologia Aplicada (CEPA), Grupo de Atendimento às Vítimas de Violência Sexual (GAVVIS) e Mulher & Vida. A transformação realmente acontece pelo encontro!

Agradeço aos meus tios de coração e padrinhos para a vida: Luzia e João. Se a família é aquela que pertencemos e podemos expressar livremente nossa singularidade, escolho vocês para fazerem parte da minha. De cá de dentro há sempre uma lembrança das brincadeiras e passeios em tardes de verões ou manhãs de invernos quando vocês se comprometiam a cuidar de mim quando meus pais precisavam cuidar deles. Obrigada por tanto!

E finalmente agradeço àqueles com quem me reinventei ao longo desses anos e que me apresentaram diferentes versões de quem sou: Karina Mendes, Isabella's Gonçalves e Fortunato, Julia Aguiar, Thalia Ambrozio, Ana Vitória, Rafaela Fonseca, Aline Cirimbelli, Kevin Sant'ana, Laise Morgado, Bianca Monteiro, Isaque Felipe, Richard Moreira e Daniela Mariano. É certo que eu costumava acreditar que a estabilidade era o dom dos sábios; no entanto, ricos de conhecimentos em quartos isolados não abrem oportunidades para a construção de caminhos. Obrigada pela companhia de cada um de vocês no meu processo de existir!

“O correr da vida embrulha tudo; a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem.”

– Guimarães Rosa.

RESUMO

A vida cotidiana emerge nas relações sociais como circunstância que determina maneiras para existir. O homem existe no mundo e é influenciado por essas circunstâncias, correndo o risco de alienar-se de si mesmo e ser tomado pela angústia. Uma vez que a manifestação da angústia pode desencadear situações de crise existencial, o objetivo do presente trabalho é de investigar como a literatura científica tem abordado o tema da crise e ressignificação da existência no contexto da psicologia clínica humanista-existencial. A metodologia empregada envolveu uma revisão integrativa da literatura, que se fundamenta em análise de publicações relevantes, tendo em vista a compreensão de um fenômeno específico. A coleta de dados foi realizada nas bases de dados Biblioteca Virtual em Saúde – Psicologia Brasil (BVS-Psi), Portal de Periódicos CAPES e Scientific Electronic Library Online (SciELO). Os artigos selecionados foram organizados e tabulados, em seguida foram analisados de maneira qualitativa. Nos resultados foi possível verificar uma concordância teórica entre as publicações científicas em que a psicoterapia seria reconhecida como o espaço facilitador à ressignificação da existência. De maneira geral, os artigos conceituam: 1) angústia, como uma condição inerente à existência humana; 2) crise, como uma interrupção da estabilidade da vida; 3) ressignificação da existência, como a reconstrução do sentido da própria vida. Entretanto, conclui-se não ser possível fazer uma generalização ou prever resultados com este estudo. O que se sugere é que os dados apresentados ao longo deste trabalho proporcionem uma ampliação e aprofundamento do tema em pesquisas posteriores.

Palavras-chave: Angústia. Crise Existencial. Ressignificação. Psicoterapia Humanista-Existencial.

ABSTRACT

The daily life emerges in social relations as a circumstance that determines ways to exist. Man exists in the world and is influenced by these circumstances, running the risk begins to be alienated about himself and overwhelmed by anguish. As the manifestation of anguish can trigger situations of existential crisis, the purpose of this work is to investigate how the scientific literature approach the theme of crisis and resignification of existence in the context of humanistic-existential clinical psychology. The methodology employed involved an integrative literature review, which is based on analysis of relevant publications, with a view to understanding a specific phenomenon. The data collection was performed in the databases Virtual Health Library - Psychology Brazil (BVS-Psi), CAPES Journals Portal and Scientific Electronic Library Online (SciELO). The selected articles were organized and tabulated, then analyzed qualitatively. In the results, it was possible to verify a theoretical agreement between the scientific publications in which the psychotherapy would be recognized as the facilitating space to the resignification of the existence. In general, the articles conceptualize: 1) anguish, as an inherent condition of human existence; 2) crisis, as an interruption of the stability of life; 3) resignification of existence, as the reconstruction of the meaning of life itself. However, it is concluded that it's not possible to generalize or predict results with this study. It's suggested that the data presented throughout this work provide a broadening and deepening of the theme in further research.

Keywords: Anguish. Existential Crisis. Resignification. Humanistic-Existential Psychotherapy.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – A alegoria da caverna	18
Figura 2 – O transformar-se em si mesmo	21
Figura 3 – Quem sou eu?	25
Figura 4 – Mascarando a si próprio	27
Figura 5 – Pirâmide de Maslow	34

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Artigo 01	42
Quadro 2 – Artigo 02	43
Quadro 3 – Artigo 03	43
Quadro 4 – Artigo 04	43
Quadro 5 – Artigo 05	44
Quadro 6 – Artigo 06	44
Quadro 7 – Artigo 07	44
Quadro 8 – Artigo 08	45
Quadro 9 – Artigo 09	45
Quadro 10 – Artigo 10	45
Quadro 11 – Artigo 11	46
Quadro 12 – Artigo 12	46
Quadro 13 – Artigo 13	46

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Levantamento das publicações em bases de dados	47
Tabela 2 – Levantamento das publicações por revistas	48

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Análise das bases de dados	48
Gráfico 2 – Análise por ano de publicação	49

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
1.1 APRESENTAÇÃO.....	15
1.2 PROBLEMA DE PESQUISA	16
1.3 OBJETIVOS	16
1.3.1 Objetivo Geral	16
1.3.2 Objetivos Específicos.....	16
1.4 JUSTIFICATIVA	17
2 REVISÃO DE LITERATURA	18
2.1 A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA REALIDADE E DA SUBJETIVIDADE	18
2.1.1 Identidade: uma realidade subjetiva	21
2.2 A VIDA COTIDIANA: DISTANCIAMENTO OU ABERTURA A SI MESMO?	25
2.2.1 A crise é uma possibilidade do existir	28
2.3 A TERCEIRA FORÇA EM PSICOLOGIA: O HUMANISMO-EXISTENCIALISMO	33
3 MÉTODO	38
3.1 TIPO DE PESQUISA	38
3.2 PROCEDIMENTO DE AGRUPAMENTO DE DADOS	39
3.3 PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DE DADOS.....	40
4 RESULTADOS	42
4.1 ASPECTOS FORMAIS.....	42
4.2 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	50
4.2.1 A angústia e a sua interface com a vida cotidiana: uma jornada com destino ao desconhecido	50
4.2.2 A clínica humanista-existencial: da crise à resignificação da existência	54
5 CONCLUSÃO	58
REFERÊNCIAS	60

1 INTRODUÇÃO

1.1 APRESENTAÇÃO

Configurando a prática terapêutica em psicologia como um processo que tem o intuito de promover crescimento pessoal (ROGERS, 2009), a realização do presente trabalho tem como objetivo investigar como literatura científica tem abordado o tema da crise e ressignificação da existência no contexto da psicologia clínica humanista-existencial.

Ao se relacionar aos processos de individuação, a psicologia pode encontrar-se diante de situações de crises dos projetos existenciais. Dessa forma, a psicologia considera o indivíduo como objeto de estudo científico a partir dos processos que englobam a sua existência. Conceituado como um ser que está no mundo em constante movimento, o indivíduo é visto como indeterminado até que dê sentido a sua existência através de suas experiências (SARTRE, 2005).

Desde a sua origem, a história da humanidade influencia no desenvolvimento do conjunto de seu corpo social, na medida em que percorreu diferentes períodos de transformações históricas. O indivíduo existe no mundo e, dessa forma, coexiste com essas transformações, sendo possível afirmar que não há condições para a existência humana sem a presença de outros indivíduos. É na relação com o mundo que são apresentadas às pessoas diferentes possibilidades de ser. Assim, compreender a existência do homem e suas particularidades é também compreender o seu modo de relacionamento com o mundo.

Entretanto, a vida cotidiana geralmente determina aos homens caminhos pelos quais eles devem seguir. Assim, eles se apegam a uma rotina, transformando-a em suas identidades, esquecendo de que existir é um processo dialético, mas limitado no tempo, pois a única certeza sobre a vida é de que um dia ela acaba. A busca de si mesmo em um mundo com diferentes contextos intensifica a imersão do ser na indiferenciação da vida cotidiana, dificultando a constituição de uma identidade pessoal própria (PROCÓPIO, 2000).

A tentativa de apropriação de um único sentido para a existência coloca as pessoas em uma dinâmica de sofrimento e aprisionamento pessoal. Nesse sentido, elas passam a vida inteira buscando dar um sentido às suas existências, e, nesse processo, esquecem-se de viver. A validação de um relacionamento, de uma profissão ou de bens materiais representam algumas das tentativas que as aproximam de um sentido que consideram ser o correto.

O que se considera é que não existe um sentido exato para definir toda uma existência, uma vez que ela está envolvida em um processo histórico, dialético e social. Assim, é o indivíduo que, experimentando conhecer a si mesmo e ao mundo, constrói a história da sua

vida. Isto porque não é determinado que seja melhor viver na autenticidade do que na impessoalidade, pois ambas as formas são oportunidades de existir, que podem ser vivenciadas pelas pessoas ao longo de suas vidas, em diferentes momentos (HEIDEGGER, 2005).

Embora a existência individual seja um processo limitado no tempo, entre o nascimento e a morte, existe um caminho há ser percorrido pelo indivíduo, isto é, uma história a ser construída durante este período de tempo (DIAS; GUIMARÃES, 2017). Existir é estar continuamente alternando atividades entre a vida e a morte.

Entrar em contato com a angústia existencial não retira dela seu caráter originário de desconforto. Entretanto, capacitar as pessoas para que descubram suas potencialidades e enfrentem essa circunstância permite com que elas existam de uma maneira singular e autêntica.

1.2 PROBLEMA DE PESQUISA

Propõe Heidegger (2005) que a cotidianidade impõe às pessoas certos direcionamentos, limitando sua existência a condições pré-estabelecidas que, muitas vezes, não condizem com o que elas realmente são e desejam ser. A angústia causada por não fruir a existência de modo próprio pode desencadear nesses indivíduos situações de crise. Frente a esse contexto, propõe-se investigar a clínica psicológica humanista-existencial como agente facilitador à ressignificação da existência em situações de crise. A pergunta que se coloca é: Como a literatura científica tem abordado o tema da crise e ressignificação da existência no contexto da psicologia clínica humanista-existencial?

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo Geral

Investigar como a literatura científica tem abordado o tema da crise e ressignificação da existência no contexto da psicologia clínica humanista-existencial.

1.3.2 Objetivos Específicos

- Caracterizar os artigos selecionados de acordo com: título, autor(es), ano de publicação, base de dados, revista e conclusões gerais;
- Verificar como os artigos conceituam angústia, crise e ressignificação da existência;

- Compreender as contribuições da clínica humanista existencial para o processo de ressignificação e crescimento pessoal dos indivíduos frente situações de crise.

1.4 JUSTIFICATIVA

Considerando a Psicologia como uma área do saber científico cujas contribuições são relativamente recentes, a adesão da população aos diversos serviços oferecidos ainda é vista como uma dificuldade a ser enfrentada. Fazendo parte do segmento de saúde mental, a Psicologia ainda é confundida com ciências como a Psiquiatria, por exemplo.

Gonçalves e Yamamoto (2015) defendem um fazer psicológico que perpassa a tradição elitista para articular teoria e prática de forma interdisciplinar, isto é, em um movimento dialético que proporciona a transformação do que já foi produzido através da práxis reflexiva.

Assim, partimos da ideia de que apesar de a Psicologia estar sendo cada vez mais valorizada enquanto ciência e profissão, a adesão aos serviços com profissionais da área ainda é estigmatizada, principalmente devido a preconceitos e confusões a respeito de seus objetivos de trabalho. Em decorrência disso, os serviços oferecidos por psicólogos são muitas vezes evitados, quando, na verdade, poderiam representar importante aliado ao desenvolvimento emocional das pessoas.

Uma vez que a psicoterapia é vista como um processo que visa a restauração dos conteúdos individuais, com o intuito de promover o crescimento pessoal (ROGERS, 2009), a realização do presente trabalho se justifica na medida em que é necessário ampliar a compreensão a respeito das contribuições da atuação psicológica clínica humanista-existencial para o processo de ressignificação dos indivíduos frente situações de crises existenciais, resgatando com isso, aspectos que fazem com que ela seja considerada uma ciência.

O trabalho tem relevância no sentido de, juntamente com estudos já existentes a respeito de ressignificações existenciais frente a situações consideradas como conflituosas, inserir-se no universo científico e contribuir para articulação do tema.

2 REVISÃO DE LITERATURA

A revisão de literatura da presente pesquisa envolveu a identificação dos conceitos de angústia, crise e psicoterapia humanista-existencial. Levando em consideração esses conceitos como temas de discussão centrais do trabalho, apresentamos a articulação dessas ideias em um breve referencial teórico que engloba a perspectiva do sujeito humano em relação com o mundo e, respectivamente, consigo mesmo. Para tanto, objetivou-se realizar um diálogo entre a Psicologia Humanista-Existencial e a vertente Sócio-Histórica, buscando compreender a construção dialética do homem enquanto ser em interação com o mundo e, conseqüentemente, com os processos históricos e sociais. A relação entre as duas vertentes se estabelece a partir da seguinte hipótese: uma vez que o homem está lançado no mundo cotidiano (HEIDEGGER, 2005), que é o mundo das relações sociais (ROSA; ANDRIANI, 2002), ele tende a imergir nesse mundo, afastando-se de si mesmo e correndo o risco de ser tomado pela angústia (KIERKEGAARD, 2007). A eclosão da angústia pode, por sua vez, precipitar situações de crise existencial e a psicoterapia seria reconhecida como o espaço facilitador à ressignificação da existência. Na presente pesquisa, investigam-se especificamente as contribuições da clínica humanista-existencial para o crescimento pessoal em situações de crise.

2.1 A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA REALIDADE E DA SUBJETIVIDADE



Figura 1 – A alegoria da caverna¹
(FONTE: ELABORADO PELA AUTORA, 2019)

¹ Também conhecido como o “Mito da Caverna”, é uma passagem presente no livro “A República”, do filósofo grego Platão.

Sujeitados desde o nascimento a viver no fundo de uma caverna escura como prisioneiros, alguns homens enxergavam a realidade a partir de ideias. A possibilidade de um desses prisioneiros conhecer o mundo tal como ele é promoveu desconforto e julgamentos, pois o mesmo, após adaptar-se à luz solar, pode finalmente entrar em contato com a realidade tal como ela é. O processo de desconstrução de ideias e de construção de conhecimentos é abordado pela teoria platônica a partir de uma associação entre o mundo sensível e o mundo inteligível, ou em outras palavras, entre os sentidos e a razão, respectivamente.

A alegoria representa uma metáfora que permite ao leitor conhecer um dos aspectos importantes da teoria do filósofo Platão, pois ao simbolizar o mundo através de uma caverna, apresenta a construção da realidade por meio de imagens idealizadas.

Os seres humanos, enquanto prisioneiros de construções conceituais e informações culturais enxergam a realidade de modo distorcido. A possibilidade de conhecer e explorar o mundo tal como ele é consiste nos indivíduos se libertarem de influências externas e, assim, realizar o salto para fora da caverna.

Ao longo dos diversos estudos relacionados à constituição de uma realidade social como sendo o local de interdependência entre o coletivo e a subjetividade, tornou-se cada vez mais importante, nos dias atuais, compreender os questionamentos que englobam, no interior das teorias sociais, os conceitos de sociedade e indivíduo.

A construção da realidade é estudada por Martins (2016) a partir de processos históricos que explicam os fenômenos sociais aos quais essa realidade está interligada. Sendo considerados como um conjunto de transformações que acontecem na vida humana desde a sua concepção, esses processos podem ser compreendidos a partir de uma sistematização dos conjuntos que se relacionam entre si por meio de períodos, que marcam fases de transição entre as suas principais características.

Considerada ao mesmo tempo como sendo uma realidade objetiva e subjetiva, a sociedade é compreendida por Martins (2013) como um conjunto de interações humanas culturalmente padronizadas. Esse padrão é, na maioria das vezes, desenvolvido por meio de símbolos, valores e normas, assim como abrange posições e papéis sociais desempenhados no interior dessa realidade. Conseqüentemente, os estudos voltados para a compreensão desse corpo social precisam considerar e abranger ambos os aspectos. Essa necessidade é resultado do reconhecimento de que a sociedade e cada uma de suas partes são constituídas através de um desenvolvimento dialético e atemporal entre si (BERGER; LUCKMANN, 1985).

Visto como uma parte pertencente à sociedade, o indivíduo também é analisado por Berger e Luckmann (1985) sob essa perspectiva, uma vez que pertencer à sociedade aponta para uma participação ativa em sua dialética. Ao interiorizar a realidade, o indivíduo se torna membro da sociedade, entendendo o mundo, as relações e os processos subjetivos dos outros e de si mesmo. O processo de socialização permite que o homem interiorize a sociedade, transformando-a em seu mundo particular e, assim, sua identidade é construída (SALLES; SILVA, 2008). Em outras palavras, ele não nasce como membro dessa comunidade, mas sua concepção garante predisposição para a sociabilidade e, por consequência, para se tornar membro da sociedade. A realidade é subjetivada na interação entre aspectos sociais e individuais, de modo com que o social constitui e modifica o subjetivo.

Enquanto sequência temporal, o desenvolvimento do homem é considerado como um processo histórico e social, na medida em que este é levado a sustentar a dialética da sociedade. Tendo uma natureza social, toda a sua humanidade deriva da vivência na cultura de uma sociedade (AITA; FACCI, 2011). Desse modo, o indivíduo só adquire seu caráter de ser humano na medida em que se apropria dos conteúdos e conhecimentos produzidos culturalmente pela humanidade, através do seu desenvolvimento sócio-histórico.

O ponto de partida desse processo tem como função a interiorização dos aspectos da realidade social, interpretando-os como compostos de sentido. Segundo Berger e Luckmann (1985), a partir do momento em que o indivíduo assume o mundo no qual outros indivíduos já interagem, através da interpretação de acontecimentos objetivos, compreende a manifestação dos processos subjetivos dos mesmos e a sua relação com o mundo social passa ser congruentemente significativa. A interação produzida e reproduzida entre indivíduo e sociedade é considerada, nessa perspectiva, como uma ação constante. “Cada indivíduo aprende a ser homem. O que a natureza lhe dá quando nasce não lhe basta para viver em sociedade. É-lhe ainda preciso adquirir o que foi alcançado no decurso do desenvolvimento histórico da sociedade humana” (LEONTIEV, 2004, p. 285).

O desenvolvimento de cada geração é construído a partir de significados e de objetos criados por gerações anteriores, de modo com que esses descendentes irão se apropriar dessas características através da interação social. É pela existência da transmissão e da comunicação dos conhecimentos anteriormente produzidos que a continuidade do processo histórico se faz vigente até os dias atuais, uma vez que seus sucessores têm acesso à criação histórica, social e cultural da humanidade.

Por isso, Aita e Facci (2011) afirmam que o homem só torna-se ser humano à medida que relaciona, através de experiências herdadas, seus aspectos biológicos com a identificação do mundo, estabelecendo sua subjetividade através de um contato entre características extrínsecas e intrínsecas, por meio de uma relação dialética entre objetividade e subjetividade. A relação entre aspectos ontogenéticos, filogenéticos e culturais é, por assim dizer, definidora da constituição do ser como humano.

A formação de cidadãos é possível na medida em que estes estabelecem relações uns com os outros, isto é “[...] só pode tornar-se homem se incorporar, em sua própria subjetividade, formas de comportamento e ideias criadas pelas gerações anteriores e retrabalhadas por ele e por aqueles que com ele convive” (SAVIANI, 2004, p.46).

Dessa forma, a humanização dos sujeitos enquanto atores sociais assemelha-se às construções históricas e sociais anteriores, caracterizando atualmente difícil realização diante de processos contemporâneos permeados por distanciamento social e alienação, conforme será discutido ao longo deste referencial teórico.

2.1.1 Identidade: uma realidade subjetiva



Figura 2 – O transformar-se em si mesmo
(FONTE: ELABORADO PELA A AUTORA, 2019)

Na psicologia, compreende-se o indivíduo como objeto de estudo científico a partir dos processos que englobam a sua existência. Foi exposta ao longo deste referencial teórico a necessidade de considerar os aspectos da realidade social como sendo um dos principais

influenciadores na constituição das relações subjetivas. Para tanto, foram apresentados a seguir alguns estudos que discutem quanto às transformações na estrutura dessa realidade serem responsáveis por gerar respectivas mudanças na identidade dos membros que a compõe, constituindo uma relação recíproca de desenvolvimento.

Berger e Luckmann (1985) introduzem a dialética entre a natureza e a sociedade para explicar como ela influencia o processo da subjetividade humana. Isso é possível a partir da compreensão do organismo social em que são desenvolvidas as relações, uma vez que ele e seus membros afetam e são afetados pelas atividades que realizam.

Essa dialética consiste na condição pela qual os membros de uma sociedade são influenciados por seu funcionamento, isto é, que a relação entre sociedade e natureza exerce controle sobre os indivíduos na medida em que institucionaliza maneiras de ser ou agir, por exemplo. “[...] na dialética entre natureza e o mundo socialmente construído, o organismo humano se transforma. Nesta mesma dialética o homem produz a realidade e com isso produz a si mesmo” (BERGER; LUCKMANN, 1985, p. 241).

A identidade é definida a partir de uma natureza dinâmica, em consequência de sua inserção e constante desenvolvimento nas relações sociais e, respectivamente, nas condições dessas relações. Responde as necessidades dos momentos históricos e, assim, adquire caráter temporal, na medida em que se configura através de contínuas transformações (CIAMPA, 2001).

Ciampa (2001) considera ainda que a identidade se iguala ao processo de metamorfose para a constituição do eu, promovendo constantes mudanças devido às condições sociais e de vida em que o indivíduo está inserido. Nesse sentido, a identidade se desenvolve constantemente, como totalidade que, em relação com o mundo, é mutável, contraditória e múltipla, independente dos aspectos que envolvem essas transformações (CIAMPA, 2001). Assim, o sujeito vivencia a si mesmo ao longo de uma narrativa histórica e dialética de sua própria vida, se tornando autor e personagem, simultaneamente. O controle da narrativa permite com que o indivíduo esconda a si mesmo nos personagens que fazem parte da história; entretanto, a própria narrativa revela aquilo que está escondido. Nessa perspectiva, o homem é considerado por Ciampa (2001) como um ser histórico e cultural de forma com que a identidade é remetida a um dos aspectos do projeto de vida de cada pessoa, que pode envolver diferentes contextos, como o social, o individual, o moral, o político e entre outros.

A identidade é objetivamente e subjetivamente definida a partir dos processos de interiorização e identificação dos aspectos provenientes da relação eu-outro (BERGER;

LUCKMANN, 1985). Assim, a identificação e a interiorização constituem-se como duas das formas pelas quais o indivíduo pode perceber a si mesmo, e embora possua características adquiridas do seu relacionamento com seus semelhantes, elas constituem a sua existência de modo geral. O indivíduo torna-se aquilo com o que se identifica, agindo no mundo a partir dessa identificação. Assim, é considerado como ativo no processo de construção de si mesmo (SILVA, 2009).

Apesar dessas características, Miranda (2014) considera que o conjunto de elementos biológicos, psicológicos e sociais não pode ser isolado da representação individual de cada pessoa, composto a partir das relações estabelecidas entre homem e realidade, em um processo contínuo de produção de si mesmo.

Dessa maneira, não caberia também compreender o indivíduo a partir de uma perspectiva isolada, uma vez que sua existência se dá na articulação dos diferentes papéis que exerce dentro da realidade em que está inserido. Ao exercer papéis junto de seus semelhantes, ele se sente pertencente a um conjunto social, entretanto, se diferencia desses indivíduos na medida em que atribui características próprias às suas experiências no mundo (MACEDO, 1994). Portanto, sua subjetividade constrói caráter de articulação entre a igualdade e o diferente.

A identidade é considerada como elemento fundamental para a construção do sujeito a partir de uma perspectiva dialética, que compreende o homem e suas relações sociais a partir de um processo de construção aberto e inacabado (MAHEIRIE, 2002).

Já subjetividade é entendida por Silva (2009) com base nos aspectos que dizem respeito à própria pessoa, ou seja, características internas e particulares que se distinguem, em uma relação dialética, da realidade objetiva. A construção da subjetividade é compreendida tanto através de processos, como pelos resultados dos mesmos, constituindo através dessa prática parte da identidade de cada pessoa.

A construção do ser como humano parte de uma predisposição biológica de criar e habitar um mundo com os outros. A dinâmica do desenvolvimento humano é estabelecida já nos primeiros anos de vida, dos quais Costa e Pessoa (2014) consideram como sendo uma fase importante para a construção da identidade em detrimento da diferenciação com os outros.

Na medida em que a criança se identificada com outras pessoas, que lhe são significativas, interioriza suas atividades como pertencentes ao mundo em geral. O que acontece a partir dessa dialética é que, ao longo de seu desenvolvimento, a criança reconhece

que o mundo anteriormente interiorizado não é a única realidade existente, e que apesar das variedades de relações, o que lhe foi apresentado de modo significativo apropria-se de uma particularidade própria, e diz respeito à sua experiência particular, e não ao mundo como um todo. A conservação da realidade subjetiva é assim integrada pela significação que os outros exercem na vida dessa pessoa (BERGER; LUCKMANN, 1985).

O reconhecimento de que sua condição particular como ser humano não é a única relação proposta no mundo cria viés para o estabelecimento de instabilidade pessoal e desconfiança a respeito de si mesmo e do mundo ao seu redor. Essa dinâmica é apresentada nas palavras de Moffat (1987, p.72), que afirma:

Um dia percebemos que estamos metidos dentro de uma vida e que não podemos sair dela. Devemos cumpri-la, inventá-la também e encontrar para ela um sentido para isso; a única possibilidade é conhecer e aceitar a 'todos os eus que fui' partindo do 'eu que sou agora' e escolher um 'eu que quero ser', para fazer que meu presente seja permeado por uma história.

É por isso que Alves (1997 apud FORTES, 2017) propõe que a busca de si mesmo segue a mesma direção das internalizações sociais ocorridas desde a infância, através da compreensão dos significados que são atribuídos pelo indivíduo ao longo das transformações experimentadas em sua vida. Entretanto, essa dinâmica não é, na maioria das vezes, clara aos sujeitos, criando condições para a existência de crises em relação a si mesmo.

2.2 A VIDA COTIDIANA: DISTANCIAMENTO OU ABERTURA A SI MESMO?

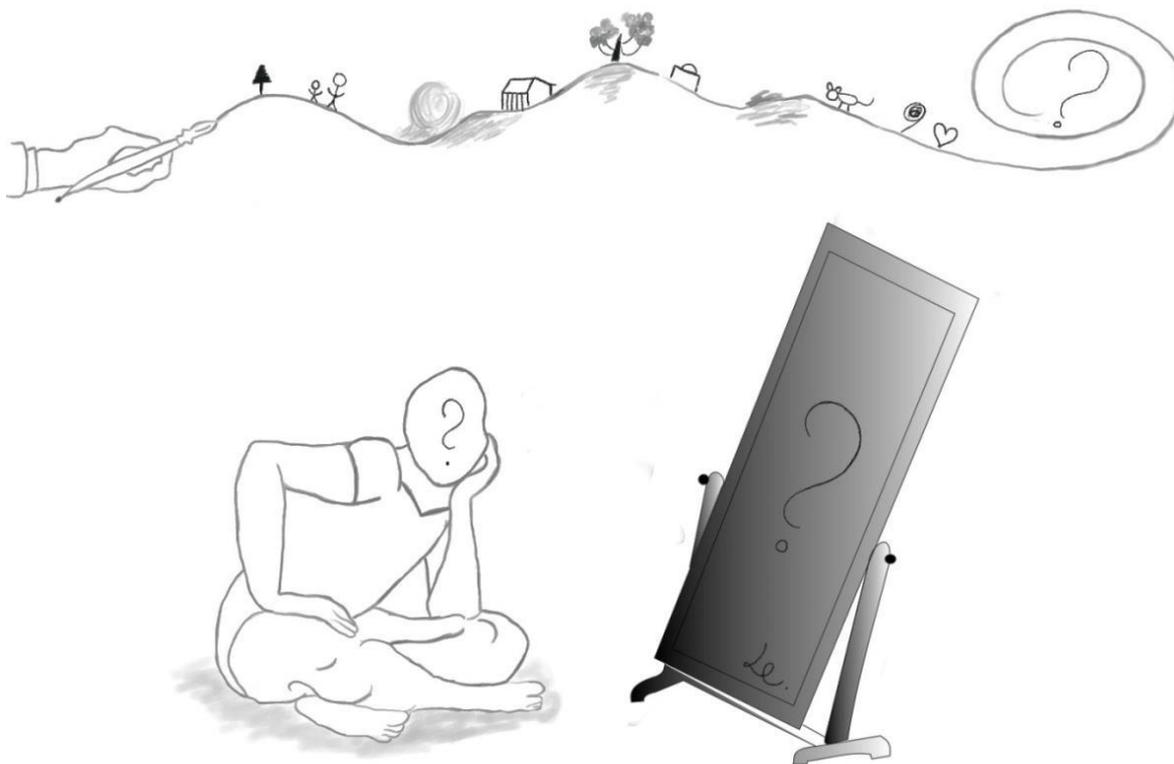


Figura 3 – Quem sou eu?
(FONTE: ELABORADO PELA AUTORA, 2019)

Compreender a existência do homem e suas particularidades é também compreender o seu modo de relacionamento com o mundo. Em seus estudos sobre a existência humana em “Ser e Tempo”, Heidegger (2005) enxerga o homem como um ser-no-mundo e, assim sendo, como um ser-para-a-morte. A consciência de sua finitude impulsiona o indivíduo a buscar condições que o distanciem da compreensão de seu fim, de modo com que, ao fugir de sua própria individualidade, o ser se direciona para o mundo, tornando-se com ele um só.

Procópio (2000) afirma que em nossa condição humana, existimos em conjunto uns com os outros através de uma série de acontecimentos, em que somos pressionados por diferentes exigências que, em grande parte das vezes, se opõem entre si. Para atender essas demandas, são organizados modos de viver que, por sua vez, distanciam as pessoas de conhecerem a si mesmas e os outros, respectivamente.

As transformações históricas apontadas nos tópicos anteriores representam uma parcela significativa de exigências adaptativas direcionadas à sociedade como um todo. Isso quer dizer que, ao longo de processos como a urbanização, a modernização de bens materiais

e a vigência do capitalismo, o modo de relacionamento entre os indivíduos alterou-se (OLIVEIRA; PAIVA, 2012).

Pertencendo à sociedade, o indivíduo coexiste com essas transições, sendo possível afirmar que não há possibilidade de existência humana sem a presença de outros indivíduos. Assim, os homens não existem isolados uns dos outros, mas podem modificar suas relações nos espaços em que estão inseridos, isolando-se de si mesmos, por exemplo. “Ser-no-mundo não significa, portanto, o simples ocupar um espaço geográfico, mas ser num modo particular, o de ser familiarizado aos significados que constituem o mundo.” (PROCÓPIO, 2000, p. 27).

Uma vez que a condição de humanidade é constituída na relação com o mundo, a convivência com outros seres humanos permite o desenvolvimento de rotinas cotidianas. A convivência é produzida pelas atividades do dia-a-dia e não existe a partir de um modelo exato, mas acontece de acordo com as particularidades de cada relacionamento.

A cotidianidade é definida por Aquino (2015) como a maneira regular de existir no mundo. É, nesse sentido, uma condição imprópria de vida, uma vez que é marcada pelo distanciamento da própria existência devido a uma conexão confusa de uns com os outros.

Em sua vida cotidiana o homem se torna público, limitando e compartilhando suas vivências com seus semelhantes. Aqui, ele se aliena da sua própria condição, esquecendo quem é, do que gosta ou o que deseja fazer (FRAGA; SCHULTZ, 2009). O cotidiano emerge como circunstância em que o indivíduo afasta-se de si mesmo e se mistura às coisas do mundo, em uma rotina estável e impessoal, decaindo em um movimento de fuga em relação à angústia de sua existência (HEIDEGGER, 2005).

O ato de fugir representa, de acordo com a interpretação fenomenológica, a dependência da pessoa para com a angústia existencial. A angústia é assim afastada na tentativa que o indivíduo faz de esconder-se de si mesmo no cotidiano. É somente a partir do momento em que esse esconderijo é descoberto, geralmente por uma situação de crise, que a angústia pode se aproximar novamente da existência humana. “Não em decorrência de qualquer motivo externo, mas somente por não poder mais ocultar-se”. (PROCÓPIO, 2000, p. 87).

De um modo geral, a fuga da angústia existencial é marcada por um ato de irresponsabilidade frente à própria existência, em que o indivíduo vivencia os acontecimentos de sua vida em uma relação simbiótica com o mundo em que está inserido (DUTRA; ROEHE, 2014).

Aquino (2015) baseando-se nas publicações de Heidegger (2005) sobre a existência humana define esse afastamento de si mesmo como uma forma de decadência, cuja estrutura básica expressa a “[...] tendência da existência em decair (*abfallen*) de si mesma no mundo, quer dizer, de deixar-se interpretar no horizonte do mundo no qual foi jogada e inserida” (p. 45). Ou seja, na relação com o mundo, este apresenta para o indivíduo diferentes possibilidades de ser, de modo com que ele se envolve em vários contextos, compromissos e ocupações e, com isso, afasta-se do desenvolvimento de sua própria subjetividade, dificultando a constituição de uma identidade pessoal própria.

O impessoal é definido como a ausência de responsabilidade pessoal, dispensando as pessoas do compromisso para com suas próprias vidas. “O impessoal à pergunta “quem?” responde com “ninguém”. Todo mundo é o outro, ninguém é **si-próprio**. (PROCÓPIO, 2000, p. 38, grifo da autora).

O indivíduo enquanto regido pela impessoalidade não somente se entrega a ela como uma determinação feita por uma instância desconhecida, mas se familiariza com essa impessoalidade, uma vez que existe no mundo e está, dessa forma, propenso a ser influenciado por esse modo de existência. “O estar perdido na impessoalidade indica a apoderação pelo impessoal das possibilidades de ser do **ser-aí**, o que implica dizer que na cotidianidade não é o **ser-aí** o que escolhe seu modo de ser, e sim alguém indeterminado.” (PROCÓPIO, 2000, p. 64 – 65, grifo da autora).

A impessoalidade retira a responsabilidade individual de realizar-se em suas particularidades, entregando o seu próprio projeto de vida a algo ou a alguém, com o intuito de que este o realize por si. São apresentadas ao homem possibilidades de existir pré-determinadas, transformando-o em ser atuante de diferentes papéis e em diferentes cenários (PROCÓPIO, 2000).

O estado de irresponsabilidade frente à própria existência promove condições tanto para o distanciamento do



Figura 4 – Mascarando a si próprio
(FONTE: ELABORADO PELA AUTORA, 2019)

indivíduo em relação a si mesmo, quanto para uma abertura às suas possibilidades de ser. Isso porque, de acordo com Fraga e Schultz (2009), a indiferença gerada por esse desvio de si

mesmo não constitui a perda absoluta do seu próprio ser, mas representa um distanciamento de si mesmo, o que paradoxalmente cria condição para cada pessoa encontrar a si mesma, uma vez que provoca no homem o sentimento de angústia, que o coloca novamente na busca de si e, conseqüentemente, o transforma em pessoa.

Fato é que quanto mais distante de si, mais alienado o homem fica de sua própria existência, e da mesma forma, mais angustiado, estando próximo de se aproximar novamente de sua existência, pois a angústia fornece o movimento e o sentido para a vida. Como determinação e disposição ontológica da existência, a angústia separa o homem do mundo, apresentando a ele as suas possibilidades de ser, “[...] isto é, frente ao nada que ele mesmo é” (FERREIRA, 2002, p. 1).

Heidegger (2005) não determina um juízo de valor a respeito da existência humana ou estabelece que seja melhor se viver na autenticidade do que na impessoalidade. Para ele, ambos são possibilidades de ser, e o indivíduo pode experimentá-los em diferentes momentos de sua vida. A existência em si não possui um sentido exato, é o indivíduo angustiado que atribui sentido a ela. A partir dessa perspectiva, se constitui como objetivo desta revisão bibliográfica investigar a forma pela qual a angústia, em sua condição de crise existencial, impulsiona o homem na direção do nada e de si mesmo, assumindo a sua existência e amadurecendo com esse processo.

2.2.1 A crise é uma possibilidade do existir

A imersão na impessoalidade e a apropriação do cotidiano apresentam ao ser humano possibilidades de existir determinadas, conhecidas e herdadas de geração por geração. A circunstância característica à vida cotidiana envolve a disposição para que os indivíduos se afastem de suas particularidades em um movimento de evitar a angústia inerente à existência humana (DUTRA; ROEHE, 2014).

A angústia é uma disposição privilegiada dentro das formas de existência humana na medida em que, segundo Heidegger (2005), não possui uma causa específica e está localizada no próprio indivíduo enquanto possibilidade. Assim, não é produzida a partir de situações específicas ou mensuráveis. É, dessa maneira, um estado existencial pertencente ao momento atual, e não ao passado ou ao futuro, sendo que a pessoa é responsável por escolher afastar-se ou aproximar-se dela. A angústia permite o direcionamento do homem para que ele possa encontrar-se com ele próprio, pois “é justamente por não encontrar sentido em nada do mundo, que o ser emerge para **si-mesmo**” (PROCÓPIO, 2000, p. 43, grifo da autora).

A percepção da angústia enquanto doença é superada por Boss (1988), que a partir da publicação do livro “*Angústia, Culpa e Libertação*” introduz a ontologia heideggeriana em cenários como às ciências sociais e de políticas públicas. O autor define a angústia enquanto uma tonalidade afetiva que anuncia a negatividade da existência humana, ou seja, a angústia, enquanto incompleta e indeterminada, permite a compreensão da finitude da vida, entregando ao homem o domínio sobre sua própria existência.

A tonalidade afetiva apresenta a angústia como um mobilizador existencial, determinando os modos pelos quais o mundo pode ser experimentado a partir de um espaço compartilhado. A angústia solicita ao homem que se aproprie de sua própria existência, sendo que para atingir tal objetivo, mobiliza duas situações distintas; na primeira, o homem desperta para o sentido da própria existência, enquanto que na segunda situação, busca maneiras pelas quais irá impedir esse despertar.

[...] na tentativa de livrar-se da angústia, o ser-aí ou bem retoma a tutela do mundo e volta àquilo que lhe é familiar, ou bem concretiza-se no poder ser, singulariza-se, o que consiste na perda, nem que seja por um instante, da tutela do mundo. (FEIJOO, 2011, p. 35)

A angústia é, dessa forma, considerada como originária na medida em que é inerente à existência humana. Boss (1988) propõe que a superação da noção patologizante da angústia acontece a partir do encontro do indivíduo consigo mesmo e, respectivamente, na projeção de suas possibilidades de existir, cabendo a ele a responsabilidade de dar sentido pessoal à sua própria existência.

A origem da angústia está diretamente ligada à origem da humanidade. Assim, a angústia é considerada como elemento vital na medida em que percorre por toda a história da humanidade. A angústia é a própria existência, existir é estar angustiado. Em “O conceito de angústia”, Kierkegaard (2007) apresenta um ensaio em relação à liberdade humana, já que a angústia é definida por ele como necessária para o desenvolvimento da vida.

Segundo o autor, a angústia é apresentada ao longo da existência a partir de duas faces. Em sua face negativa, ela apresenta a condição da pecabilidade como intrínseca à natureza humana. Por sua vez, em sua face positiva, a angústia revela o reconhecimento do homem a respeito do seu pecado, admitindo a culpa pela sua natureza. O indivíduo transforma o caráter da angústia na medida em que é responsável por assumir a culpa pelo pecado que lhe é imposto desde a sua origem, de forma com que a consciência da culpa estimula a consciência para a liberdade. A liberdade em si tem a culpa como circunstância fundamental, uma vez que ao escolher realizar uma ação, o indivíduo se culpa pelas outras possibilidades que deixou de realizar.

Apesar dos fatores culturais, históricos e sociais, Campos (2017) apresenta a liberdade como condição inerente à existência humana. Existir na angústia é ser livre, “pois a liberdade sempre implica na escolha de alternativas, o que significa que alguma dessas terá de ser excluída” (CAMPOS, 2017, p. 205).

Enquanto ambiguidade existencial, a angústia permite o surgimento do espírito, caracterizando o indivíduo ao mesmo tempo, como ser livre e determinado. O espírito, por assim dizer, aproxima o homem da sua própria existência, despertando o conhecimento deste sobre a natureza de sua realidade ontológica. Assim, Kierkegaard (2007) assume que na medida em que o indivíduo se culpa pelas escolhas que faz ao seu destino, o mesmo desenvolve consciência da angústia.

O conhecimento a respeito da própria angústia é considerado pelo existencialismo de Sartre (2005) como elemento importante para a vida humana, já que o acesso a tal conhecimento é desenvolvido nas escolhas que o indivíduo faz. O compromisso de fazer escolhas permite o surgimento de um projeto existencial pelo qual confere sentido à existência.

Diante de um cenário cujos fundamentos são indeterminados, a responsabilidade que recai ao homem como uma necessidade de escolher o deixa angustiado; isto quer dizer que a escolha exprime caráter de valor ao que foi escolhido, comunicando o caráter da ação realizada. Assim, a responsabilidade pelo desenvolvimento de um projeto existencial não é individual, mas sim, um compromisso com toda a humanidade (VIEIRA, 2018).

O homem é livre para fazer escolhas, entretanto, o momento de decisão entrega ao sujeito sua angústia existencial. A liberdade angustia o indivíduo na medida em que, ao perceber não ser capaz de modificar as circunstâncias que lhe são apresentadas, é responsável pelas consequências de sua decisão. Para isso, ao homem cabe a tarefa de procurar em sua subjetividade quais princípios o guiarão para realizar suas escolhas, sendo assim, será necessário que o mesmo se apresente diante de seu próprio nada, ou seja, de sua angústia existencial. “A liberdade em tal situação seria como as estátuas de escravos inacabados de Michelangelo: liberdade dentro dos limites da escravidão” (MAY, 1987, p.48).

Em uma tentativa de se esconder da angústia gerada pelo compromisso que a liberdade lhe apresenta, o indivíduo se direciona, segundo Sartre (2005) para a má-fé; esta é considerada como a ação de enganar a si mesmo e se afastar, em um só movimento, da natureza ontológica humana, ou seja, da angústia. Contudo, é uma ação impossível de ser

realizada completamente, já que para fugir de um aspecto, é necessário antes entrar em contato com ele.

Paradoxalmente, o afastamento pessoal contribui para uma abertura à própria existência, pois só é possível se afastar daquilo que já é conhecido, pois do contrário, não haveria do que fugir (PROCÓPIO, 2000). Existir é estar, ao mesmo tempo, perto e distante de si mesmo.

Não é possível fugir do desconhecido. Este só é apresentado ao indivíduo através de situações de crises, onde há a presença de mudanças repentinas e, supostamente, inexplicáveis (AMATUZZI, 2008). A crise é uma condição externa, isto é, uma experiência existencial que provoca um rompimento ao homem de sua imersão no cotidiano, removendo seus modos impróprios de existir na medida em que o reconduz à angústia originária. “Significa, portanto, que através de uma situação concreta da existência, o ser-aí pode descobrir-se na angústia, e portanto, numa abertura ampliada com o seu ser” (PROCÓPIO, 2000, p. 17).

A crise é uma condição *sine qua non* à existência, mesmo que esteja, em grande parte das vezes, encoberta por modos de viver que são impróprios da natureza humana. Assim, quando emerge, pode ser compreendida como uma situação que retira o indivíduo de sua imersão no cotidiano, pois o cotidiano neutraliza a angústia com ocupações costumeiras. Ao introduzir o desconhecido, a crise apresenta ao indivíduo a possibilidade de aproximar-se novamente da própria vida. Nas palavras de Moffat (1987, p. 13 – 14),

Para que uma situação produza uma crise, mais importante que o nível de traumatismo sofrido pelo paciente é o inesperado da nova situação que lhe é exigido viver; ele a sentirá como “irreal” e a experimentará fora do que lhe está sucedendo. Diríamos que só é real o que se espera o que foi concebível, antes, como possibilidade, na fantasia do futuro. Por isso que se diz que isto ou aquilo não estava previsto (pre-visto), isto é, não estava visto de antemão e quando as circunstâncias nos colocam dentro de um personagem que nunca tínhamos antecipado: o de órfão, viúvo, adulto, culpado, etc., pode sobrevir o desacerto, a crise.

Entretanto, esse é um processo cuja duração tem a mesma limitação da existência humana, pois ao abrir-se para si mesmo, o indivíduo transforma o desconhecido em conhecido e pode, novamente, isentar-se pela responsabilidade desse conteúdo, voltando-se para o mundo e afastando-se de si mesmo (FRAGA; SCHULTZ, 2009). Existir é um processo contínuo que alterna entre momentos de angústia e momentos de alienação, pois quanto mais se foge, mais se está perto daquilo que é desejado afastar. Nesse sentido, o desenvolvimento de um projeto de vida é afastado como responsabilidade individual na medida em que a pessoa vivencia uma contradição na sequência temporal da existência. Existem então três

diferentes tipos de temporalidades, sendo elas o passado, o presente e o futuro (TEIXEIRA, 2006).

A permanência psíquica no passado ou no futuro tende a desenvolver organicamente um adoecimento biopsicossocial, uma vez que o indivíduo não está experimentado autenticamente sua própria vida. A existência torna-se limitada, uma vez que é afastada de seus valores e de suas possibilidades de apresentar-se enquanto perspectiva de vida. A pessoa adoecida não experimenta a sua própria vida como uma realidade, pelo contrário, quando permanece no passado, se desenvolve ao redor de uma identidade e de aspectos que já se transformaram e não continuam presentes no momento atual. Escolher viver no passado representa a culpa em relação às possibilidades que o indivíduo não experimentou. Em contrapartida, quando focado no futuro, o indivíduo escolhe a ansiedade, ou melhor dizendo, o medo do desconhecido (TEIXEIRA, 2006). É somente a permanência no presente que permite o ser humano superar essa dinâmica de adoecimento, aproximando o indivíduo, no momento atual, das possibilidades do existir.

O desenvolvimento de um projeto existencial se dá na medida em que o passado, o presente e o futuro são unidos de forma coerente e individual. O homem se compromete a dar sentido à sua vida na medida em que escolhe a si mesmo.

O mundo interno exprime-se na simbolização (categorias cognitivas que representam a experiência na sua ausência), na imaginação (recombinação de categorias mentais que se assemelham à experiência mas sem interação com o meio) e juízo (avaliação em relação à experiência), associadas à intimidade, ao amor, à espontaneidade e à criatividade (TEIXEIRA, 2006, p. 291).

De acordo com Dias e Guimarães (2017), as situações de crise permanecem enquanto acontecimentos reais da existência durante toda a vida dos seres humanos, uma vez que dar sentido à própria vida, isto é, ser você mesmo, é uma tarefa cuja duração se limita somente à morte, evento responsável pela existência da angústia existencial. Portanto, o indivíduo afasta-se de suas particularidades em uma tentativa de distanciamento da angústia que é inerente à sua existência, uma vez que estar angustiado significa perder a possibilidade de compreender a si mesmo, já que não é possível significar toda uma existência a partir daquilo que não se conhece. Através da angústia, o homem passa por um processo doloroso, porém libertador; percebe o compromisso e a responsabilidade pela realização da existência humana enquanto possibilidades e escolhas (FEIJOO et al., 2015). Existir enquanto ser angustiado permite ao indivíduo vivenciar a si mesmo de modo profundo, retirando do mundo e de outras pessoas a responsabilidade pela sua vida.

Quando lida com a angústia, a pessoa pode atribuir um sentido particular à vida, projetando suas possibilidades e efetivando a si em um projeto existencial. Ao escolher enfrentar a angústia, o indivíduo escolhe a si mesmo, uma vez que reassume sua posição enquanto escolhedor, que foi dispensada a partir do momento em que ele decaiu no impessoal, pois as ocupações do cotidiano retiram as particularidades, misturando os seres uns com os outros (PROCÓPIO, 2000).

É apenas na angústia que o indivíduo está só consigo mesmo e aberto para suas potencialidades. Assim, aproximação para com suas próprias particularidades necessita que o homem se apresente para si mesmo como possibilidades, inclusive de ser o que já se é, já que “recuperar a escolha significa escolher essa escolha” (HEIDEGGER, 1927, p. 53 apud PROCÓPIO, 2000, p. 56).

Quando a pessoa experimenta relacionar-se com aspectos relativos à sua própria subjetividade, isto é, entra em contato com níveis mais profundos de sua existência, entende que esses níveis não são estáticos, aceitando a natureza das mudanças que ocorrem durante a vida como um processo fluido (ROGERS, 2009).

Na crise, o sentimento de familiarização é substituído pelo sentimento de estranheza ao apresentar a escolha como movimento à vida humana (PROCÓPIO, 2000). Enquanto angustiado, cabe ao ser escolher entre fugir para o afastamento de si através da decadência da vida cotidiana ou enfrentar a angústia, tornando-a presente em seu próprio ser. Uma situação de crise apresenta ao homem a oportunidades de fazer escolhas enquanto ser responsável pelo sentido de sua existência, direcionando ele aos caminhos que o aproximem ou o distanciem de sua vida. Em alguns casos, a crise encontra o indivíduo afastado de si mesmo e o conduz em direção à angústia, podendo antecipar o trabalho do analista no que diz respeito a um encontro existencial.

2.3 A TERCEIRA FORÇA EM PSICOLOGIA: O HUMANISMO-EXISTENCIALISMO

A Psicologia Humanista-Existencial, ou Terceira Força da Psicologia, tem origem e inicia seu desenvolvimento durante a década de 1940, época em que as outras duas grandes vertentes dessa mesma ciência, a Psicanálise e o Comportamentalismo, já haviam sido divulgadas e comprovadas cientificamente. Essa terceira força em Psicologia emerge como uma crítica ao cientificismo ortodoxo do século XIX, buscando ampliar os métodos utilizados por essa ciência, pois se acreditava que, ao reduzir-se apenas em características observáveis do homem, passava-se a ignorar questões essenciais do ser humano, como a criatividade, a

imaginação, o valor e, entre outros. Assim, a proposta dessa nova psicologia tinha como pressuposto a ideia de que, ao humanizar-se, a ciência seria capaz de atender os problemas humanos (TEIXEIRA, 2006).

Os estudos de Abraham Maslow (1962) contribuíram de forma significativa para o desenvolvimento desta nova abordagem em psicoterapia, enquanto que os de Carl Rogers (2009) colaboraram para o seu desenvolvimento na comunidade científica por meio de estudos e observação de dados, e também, apresentando e comprovando a veracidade desse enfoque de trabalho.

Maslow (1962) propõe uma nova ciência cuja concepção de homem se diferencia das apresentadas pelas outras abordagens existentes em psicologia. Para ele, o indivíduo é visto como o detentor do próprio destino, das próprias potencialidades e da própria orientação de vida. Enquanto ser em interação com o mundo, a pessoa se desenvolve a partir de níveis hierárquicos de necessidades, organizados e apresentados aqui em uma pirâmide; em sua base são encontradas as necessidades fundamentais e, em seu topo, estão representadas as necessidades mais complexas, como mostrado na figura a seguir:

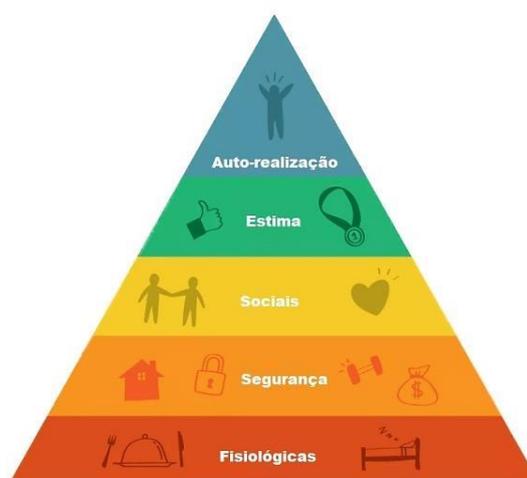


Figura 5 – Pirâmide de Maslow
(FONTE: VERRYWELL, 2018²).

Segundo Maslow (1962), essas necessidades são base para a existência da motivação humana, contribuindo assim para o desenvolvimento biopsicossocial dos indivíduos. Entretanto, existem duas formas distintas de desenvolvimento motivacional; por um lado, existem pessoas que são motivadas a partir da falta, ou seja, que buscam preencher o vazio que lhes é apresentado. Geralmente, elas evitam doenças e utilizam mecanismos de defesa

² Disponível em: <https://www.verywellmind.com/what-is-maslows-hierarchy-of-needs-4136760>. Acesso em 16 de julho de 2019.

para eliminar a dor. São pessoas que têm necessidade de amor, que são reativas, que temem ao ambiente e que tendem a ser mais vulneráveis. Em contrapartida a esse modo de desenvolvimento por déficit, há pessoas que são motivadas através do crescimento, buscando na interação com os outros, diferentes formas para solucionar e superar as dificuldades e, assim, evoluir (SAMPAIO, 2009).

Logo, Maslow (1962) contribui com seus pensamentos defendendo que a Terceira Psicologia é uma expansão do conhecimento anterior sobre as relações humanas e o desenvolvimento dessa vertente fora do campo científico resultaria em uma regressão das contribuições realizadas por esta terceira força no que diz respeito ao conhecimento sobre a natureza humana. Cabe então à Psicologia direcionar o seu enfoque para a motivação, na promoção de saúde e na satisfação das necessidades básicas humanas, uma vez que pessoas motivadas e saudáveis constituem uma cultura saudável, da mesma forma que pessoas desmotivadas e doentes constituem uma sociedade doente.

Partindo de uma visão semelhante ao de seu colega a respeito do saber científico, Rogers (2009) a partir da publicação do livro “Tornar-se Pessoa” apresenta alguns conflitos pessoais que passou quanto aos procedimentos terapêuticos que utilizava e a relação deles com a ciência. O conflito era pautado justamente pelo fato de existir diferentes respostas e soluções para um mesmo caso, e o objetivo era que, mesmo assim, houvesse a garantia de que a atuação psicológica tivesse resultados iguais mesmo com atuações diferentes. Rogers, sendo adepto a um pensamento humanista-existencial, se opunha aos métodos do positivismo lógico, já que acreditava que isso implicava na manipulação da ciência e na perda da essência humana.

A teoria rogeriana sofreu diferentes modificações ao longo da sua trajetória profissional, resultado de aprimoramentos do autor frente as suas constatações científicas. Inicialmente nomeada como Psicologia Não-Diretiva, passou por fases de transição, sendo chamada de Terapia Centrada no Cliente, até que, por fim, considerada como denominação mais adequada à sua teoria, foi chamada como Abordagem Centrada na Pessoa (MOREIRA, 2010).

A Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) recusa as premissas propostas pelos outros enfoques psicológicos que centralizavam suas intervenções a partir de uma perspectiva de sujeitos possuidores de neuroses básicas. Para essa teoria, os homens são dotados de um núcleo de personalidade em que a tendência ao crescimento e à atualização são premissas básicas para o seu desenvolvimento (BORIS; TELLES; MOREIRA, 2014). O indivíduo é

alguém com potencialidade própria para desenvolver-se de forma saudável e construtivamente.

[...] a tendência à atualização é a mais fundamental do organismo em sua totalidade. Preside o exercício de todas as funções, tanto físicas quanto experienciais. E visa constantemente desenvolver as potencialidades do indivíduo para assegurar sua conservação e seu enriquecimento, levando-se em conta as possibilidades e limites do meio. (ROGERS; KINGET, 1979, p. 41 apud BORIS; TELLES; MOREIRA, 2014, p. 14)

Esse núcleo inerente ao indivíduo é conceituado como Tendência Atualizante, sendo considerado como fundamental ferramenta para a compreensão da ACP, pois envolve a existência como um todo. Envolve a ideia de que toda pessoa procura o que é melhor para si ou, em outras palavras, se direciona, a partir do seu contexto de vida, para diferentes formas de sobrevivência (ROGERS, 2009). A vida em si está em constante atualização, movimento normal que é influenciado a partir de contextos sociais, familiares, valores pessoais e condições biológicas, por exemplo. Independentemente de ser um movimento positivo ou negativo, a atualização é inerente à vida humana, se tornando parte natural da mesma.

Essa tendência é a principal responsável pela preservação do organismo a partir da combinação entre as experiências reais e os conteúdos simbólicos. Seja qual for o nível de organização, qualquer aspecto que ameace o estado de sua preservação contribui para a formação de incongruências e, conseqüentemente, uma possível desorganização da combinação estabelecida entre os aspectos reais e simbólicos, afetando a personalidade global do indivíduo (MOREIRA, 2010).

Baseado nessas premissas, a intervenção terapêutica humanista-existencial se desenvolve em uma contribuição mútua entre terapeuta e cliente, cujo objetivo principal está na expressão da personalidade em direção ao amadurecimento pessoal e a exploração das próprias potencialidades. Através do encontro existencial entre psicólogo e cliente, o processo psicoterapêutico humanista-existencial auxilia com que esse indivíduo avalie suas atitudes e, através do outro como representação de seus conteúdos, procure novas formas de atualizar-se, que contribui conseqüentemente a um crescimento pessoal.

Ainda a respeito dessa modalidade interventiva, Axline (1947/1984, p. 28) apud Brito e Paiva (2012, p. 103 – 104) apresentam suas contribuições para o crescimento da pessoa na medida em que, mediado por uma terapia humanista-existencial seja possível perceber “[...] que sua capacidade para se realizar como um indivíduo, pensar por si mesma, tomar suas próprias decisões, tornar-se psicologicamente mais madura e, assim sendo, tornarse pessoa”. Ao terapeuta, cabe a tarefa de confiar na capacidade de crescimento do cliente, de forma a permitir o desenvolvimento de uma relação em que o indivíduo

determina a direção do tratamento para com sua vida e que seja possível ao terapeuta seguir o mesmo caminho. Nesse sentido, “a terapia, com esse pressuposto, serviria de apoio para que o indivíduo pudesse se desenvolver” (BRITO; PAIVA, 2012, p. 104).

Brito e Paiva (2012) consideram ainda que, na medida em que se auxilia o indivíduo a responsabilizar-se por sua existência, lhe é dada a oportunidade de realizar avaliações próprias e conhecer a si mesmo, aceitando quem se é e, assim, crescendo como pessoa, já que poderá encontrar quais caminhos são adequados para satisfazer suas necessidades pessoais. A terapia humanista-existencial libera o potencial humano, acreditando que no homem como detentor de recursos para dirigir a própria vida e compreender a si mesmo. O objetivo da terapia é, nesse sentido, facilitar o reconhecimento destes recursos através de diversas reconstruções das experiências, resgatando a harmonia pessoal, social e corporal através da consciência conquistada durante o processo terapêutico.

Diante dos dados expostos anteriormente, conclui-se que ser quem se é não resolve todos os conflitos existentes, mas permite que a pessoa passe a viver de maneira autêntica e estabeleça relações mais íntimas e seguras com os outros e consigo mesma, proporcionando a autorrealização humana.

3 MÉTODO

3.1 TIPO DE PESQUISA

A elaboração do presente trabalho consistiu em uma pesquisa do tipo básica pura. Quanto à abordagem, trata-se de pesquisa qualitativa, e quanto aos procedimentos, pesquisa bibliográfica, mais especificamente, de revisão integrativa. A escolha por uma metodologia qualitativa aconteceu devido à natureza exploratória dessa abordagem científica, que considera a subjetividade como parte integrante das particularidades do fenômeno estudado (GIL, 2002).

A revisão integrativa é considerada como um método específico, que tem por finalidade realizar uma síntese sobre o conhecimento já construído em pesquisas anteriores, a fim de produzir um entendimento integral sobre um fenômeno particular (BOTELHO et al., 2011). É um tipo de pesquisa planejada para responder uma pergunta específica e que contribui para o desenvolvimento de novos conhecimentos quando vinculados aos conteúdos abordados nas pesquisas selecionadas.

A palavra “integrativa” é utilizada para representar o processo de associação de conceitos, ideias e opiniões em um mesmo conjunto, formando um todo coerente. Por conta de sua abordagem metodológica, Botelho et al. (2011) ressaltam que a revisão integrativa permite a seleção de estudos com métodos diversificados, uma vez que além de realizar um resumo do conhecimento científico já produzido sobre determinado tema, aproxima o pesquisador da problemática apontada, produzindo novo conhecimento diante da exposição da trajetória da produção científica relacionada ao objeto de investigação, oferecendo assim possíveis oportunidades de pesquisa.

Mesmo que a tarefa de integração de dados seja por vezes complexa e desafiadora, a realização sistemática uma revisão integrativa tem como resultado a diminuição da margem de erros, isto porque ao englobar uma ampla gama de propostas, a amostra selecionada oferece uma análise coerente e consistente dos conceitos, teorias e problemas relevantes para o desenvolvimento de resultados que respondam ao problema de pesquisa (CARVALHO et al., 2010).

No presente estudo, a revisão integrativa foi utilizada como método para seleção e análise da literatura sobre o tema escolhido, formulando-se então a questão norteadora: Como tem sido abordado o tema da crise e ressignificação da existência no contexto da psicologia clínica humanista-existencial?

Esta ferramenta foi escolhida devido à sua capacidade de identificar, sistematizar e analisar o conhecimento científico já produzido sobre um conhecimento específico. Portanto, para a realização desta revisão integrativa foram seguidas as etapas: identificação do tema e elaboração da pergunta norteadora; estabelecimento de critérios de inclusão e exclusão; identificação e coleta de dados; categorização dos estudos selecionados; análise e interpretação dos resultados; apresentação da revisão integrativa do conhecimento.

3.2 PROCEDIMENTO DE AGRUPAMENTO DE DADOS

A coleta de dados ocorreu durante o período entre agosto e setembro de 2019. Para a realização da revisão integrativa, foram utilizados como base de busca para a coleta de dados os seguintes canais: Biblioteca Virtual em Saúde – Psicologia Brasil (BVS-Psi), Portal de Periódicos CAPES e *Scientific Electronic Library Online* (SciELO). O critério para seleção destas bases de dados se deu pelo reconhecimento científico e por indexarem artigos científicos com relação ao tema abordado neste trabalho. O critério para exclusão de outros canais de busca está relacionado ao fato de não terem sido encontradas publicações a partir dos descritores delimitados nesta pesquisa. A reunião de publicações em meios eletrônicos é considerada como importante instrumento para o avanço científico, na medida em que proporciona facilidade ao acesso destes materiais e oferece atualizações constantes (CARVALHO et al., 2010).

As principais palavras chaves utilizadas para a busca do material científico englobaram os temas centrais relacionados à revisão de literatura contida nesta pesquisa, sendo elas: Angústia; Crise; Humanismo; Psicoterapia Existencial;

No que diz respeito aos filtros de busca, foram delimitados para a identificação dos artigos aqueles publicados no idioma português brasileiro, durante um período de vinte anos (1999 – 2018), que abordassem a clínica humanista existencial como proposta interventiva frente situações de crises existenciais. A escolha do período de tempo está relacionada às produções científicas do tema nos últimos anos, fazendo-se necessário ampliar esse período para identificação de um número significativo de pesquisas.

Foram incluídos na seleção apenas os artigos que abordavam o tema da angústia e crise sob a perspectiva da ressignificação da existência na clínica humanista/existencial. Foram excluídos os artigos com títulos repetidos e que abordavam o tema da angústia e crise, mas que não se ocupavam da ressignificação existencial e também os artigos que tratavam do tema sob a perspectiva de outras abordagens da psicologia.

Nesta busca, foram identificados inicialmente 145 artigos científicos nos canais de dados apontados anteriormente. Realizou-se a leitura exploratória dos títulos, resumos e palavras-chaves de todas as publicações indicadas pela estratégia de busca, verificando suas respectivas adequações aos critérios de inclusão e exclusão deste trabalho. Nos casos em que o título, o resumo e as palavras-chave não foram suficientes para definir sua seleção, fez-se a leitura do artigo na íntegra. A partir disso, 18 artigos foram selecionados para leitura na íntegra. Após leitura analítica, 13 artigos foram selecionados como objeto de estudo na medida em que apresentaram aspectos relacionados ao problema norteador desta pesquisa. Foram desconsiderados na contagem dos artigos selecionados para análise aqueles que se repetiam em relação às referências obtidas no cruzamento das palavras chaves anteriores.

3.3 PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DE DADOS

De acordo com Gil (2002), a análise de dados deve ser cuidadosamente planejada antes da coleta de dados. Partindo da revisão integrativa, a análise de dados utilizada neste estudo envolveu um estudo qualitativo, em que, a partir da identificação dos dados nos canais de buscas científicos, pretendeu-se investigar como a literatura científica tem abordado o tema da crise e ressignificação da existência no contexto da psicologia clínica humanista-existencial.

Botelho et al. (2011) propõem que a pesquisa integrativa busca reunir e analisar o material já publicado sobre determinado tema. Assim, a análise deve ser pautada em categorias previamente estabelecidas pelo pesquisador.

Na presente pesquisa, o processo de análise do material coletado envolveu as seguintes etapas:

1. Sistematização dos dados dos artigos de acordo com os critérios: título, autor (es), ano de publicação, base de dados, revista e conclusões gerais. Esses dados também foram organizados em quadros;
2. Classificação dos artigos selecionados de acordo com as bases de dados, os periódicos indexados e o ano de publicação. Tal classificação foi feita no formato de tabelas e gráficos;
3. Avaliação crítica dos estudos, que teve caráter qualitativo e foi redigido em formato de narrativa. Nessa etapa da análise buscou-se verificar como os artigos conceituam angústia, crise e ressignificação da existência, assim como compreender as contribuições da clínica humanista-existencial para o processo de ressignificação e crescimento pessoal dos indivíduos frente situações de crise.

O objetivo para a seleção do material relacionou-se à investigação e definição dos conceitos referenciados na revisão de literatura desta pesquisa, propiciando à pesquisadora uma ampliação do objeto de estudo e, como consequência, a elaboração de reflexões pertinentes à teoria.

4 RESULTADOS

A realização da presente pesquisa envolveu a identificação, a coleta e a análise de dados através de fontes bibliográficas da literatura brasileira, isto é, por meio de artigos científicos. Tais quais foram escolhidos com base na articulação dos conceitos de angústia e crise no contexto da psicologia clínica humanista-existencial, com o objetivo de responder à pergunta norteadora: Como a literatura científica tem abordado o tema da crise e ressignificação da existência no contexto da psicologia clínica humanista-existencial?

A produção da análise e da discussão dos resultados desta pesquisa ocorreu, respectivamente, por meio dos aspectos formais e da exploração dos conteúdos expostos nos artigos, de forma com que foram apresentados os resultados a partir de Quadros, Tabelas e Gráficos. Esta apresentação tem como intuito permitir o levantamento qualitativo relativo à articulação descritiva das publicações selecionadas para a análise. Os componentes destacados nesta investigação envolvem a sistematização dos dados dos artigos de acordo com os critérios: título, autor(es), ano de publicação, base de dados, revista e conclusões gerais. Posteriormente, foram apresentados os aspectos de conteúdo qualitativo das fontes, com a articulação dos principais conceitos abordados nesta pesquisa: angústia, crise, ressignificação para com a atuação da clínica psicológica humanista-existencial.

4.1 ASPECTOS FORMAIS

Nesta seção, são apresentados os aspectos formais relativos às publicações escolhidas para a realização da análise e discussão dos resultados desta pesquisa.

Em relação aos componentes destacados nesta investigação, os quadros a seguir apresentam os aspectos formais de cada artigo selecionado para esta revisão integrativa, envolvendo os seguintes critérios: título, autor(es), ano de publicação, base de dados, revista e conclusões gerais.

Quadro 1 – Artigo 01

Artigo 01	
Título	A angústia de (ser) e sua interface com a existência e a morte
Autor(es)	DIAS, C. C.; GUIMARÃES, O. O.
Ano	2017
Base de dados	CAPEs
Revista	Psicologia e Saúde em Debate
Conclusões Gerais	As autoras propõem a ideia de que a essência da vida humana é construída ao através da interação das pessoas com as coisas do mundo. Existir exige dos indivíduos a responsabilidade por seus projetos de vida através das escolhas. Ao escolher algo, o indivíduo abre mão das outras possibilidades apresentadas, colocando-o em contato com a angústia existencial. A perda é uma condição pela qual os homens convivem diariamente, seja ela material ou física. Entretanto, é a

Conclusões Gerais	consciência da morte que gera a angústia existencial. Elaborar a perda não é um processo fácil, pois das pessoas é exigido capacidade de resiliência, sendo importante a presença do auxílio de pessoas significativas para a clarificação e superação da angústia existencial.
--------------------------	---

FONTE: DADOS DA PESQUISA, 2019

Quadro 2 – Artigo 02

Artigo 02	
Título	Kierkegaard, a Escola da Angústia e a Psicoterapia
Autor(es)	FEIJOO, A. M. L. C. de et al.
Ano	2015
Base de dados	SciELO
Revista	Psicologia: Ciência e Profissão
Conclusões Gerais	Partindo da angústia como temática de investigação central para o estudo, cuja finalidade é de pensar uma proposta de psicoterapia, os autores concluem que a compreensão holística da existência permite o desenvolvimento de uma proposta psicoterápica que supere noções deterministas para se configurar enquanto prática que possibilita à existência um ambiente de promoção de possibilidades de existir.

FONTE: DADOS DA PESQUISA, 2019

Quadro 3 – Artigo 03

Artigo 03	
Título	A náusea e as ideias de O existencialismo é um humanismo: uma leitura crítica
Autor(es)	VIEIRA, N. R.
Ano	2018
Base de dados	CAPES
Revista	Ekstasis: revista de hermenêutica e fenomenologia
Conclusões Gerais	O homem é condenado a ser livre na medida em que faz escolhas. As escolhas definem a essência da existência humana. Entretanto, ao escolher para si, o homem compreende que também é responsável pela existência de seus semelhantes. A consciência da responsabilidade pessoal e coletiva na tomada de decisão cria condições para o surgimento da angústia existencial. O cotidiano emerge como circunstância pela qual o indivíduo se isenta de sua liberdade e responsabilidade. Para o autor, a náusea provoca uma situação de estranhamento ao cotidiano, colocando as pessoas novamente em contato com a angústia da existência, permitindo com que elas reassumam a responsabilidade por suas existências.

FONTE: DADOS DA PESQUISA, 2019

Quadro 4 – Artigo 04

Artigo 04	
Título	A crise da subjetividade e o despontar das psicologias fenomenológicas
Autor(es)	FEIJOO, A. M. L. C. de
Ano	2011
Base de dados	CAPES
Revista	Psicologia em Estudo
Conclusões Gerais	A perspectiva humanista e fenomenológica-existencial contribuiu para o desenvolvimento da psicologia no âmbito social. Ela emerge como uma proposta de superação do determinismo positivista do século XIX. Constitui-se como Terceira Força em Psicologia através do esforço para configurar a psicologia como prática holística em que o indivíduo é seu o objeto de estudo por meio de mensuração objetiva e subjetiva.

FONTE: DADOS DA PESQUISA, 2019

Quadro 5 – Artigo 05

Artigo 05	
Título	Velamento da angústia existencial do cidadão e do homem público e o sentido de um dever ser próprio a ações sérias
Autor(es)	FRAGA, V. F.; SCHULTZ, J. A. D.
Ano	2009
Base de dados	CAPEs
Revista	Revista de Administração Pública
Conclusões Gerais	A discussão final do artigo aponta uma problemática social a respeito da diversidade modo de ser cidadão público nos dias atuais, o que por si só já manifesta a angústia como condição imposta à existência. A necessidade da seriedade dos homens diante do público apresenta a angústia como uma falta, superando a noção de velamento existencial. A angústia é uma condição de estranheza que retira o homem do conforto da rotina reproduzida no cotidiano. Ela apresenta ao cidadão diferentes possibilidades de existir e suas respectivas limitações, bem como o reconhecimento a respeito da finitude da vida.

FONTE: DADOS DA PESQUISA, 2019

Quadro 6 – Artigo 06

Artigo 06	
Título	Dasein, o entendimento de Heidegger sobre o modo de ser humano
Autor(es)	DUTRA, E.; ROEHE, M. V.
Ano	2014
Base de dados	CAPEs
Revista	Avances en Psicología Latinoamericana
Conclusões Gerais	Os aspectos do ser humano não se limitam apenas em seu corpo, já que é considerado como um ser em interação com o mundo. Chamado de Dasein pelos autores, a compreensão do homem através da individualidade que ocupa no mundo não é o objetivo de estudo e intervenção da perspectiva humanista existencial. Descrito na cotidianidade como um sujeito em interação com seus contextos que antecede a si mesmo por meio de possibilidades de ser, o Dasein não existe somente como um sujeito individualizado, mas sim como alguém que se mistura às coisas do mundo, perdendo-se na impessoalidade do mundo compartilhado com outros Dasein e vivenciando sua existência de uma maneira prática e delimitada. Nesse sentido, a angústia emerge como condição existencial para o desenvolvimento da individuação humana.

FONTE: DADOS DA PESQUISA, 2019

Quadro 7 – Artigo 07

Artigo 07	
Título	Formas de existir: a busca de sentido para a vida
Autor(es)	ABRITTA, S.; CARNEIRO, C.
Ano	2008
Base de dados	CAPEs
Revista	Revista da Abordagem Gestáltica
Conclusões Gerais	A história da humanidade perpassa por diferentes momentos na trajetória da construção do sentido para a vida, envolvendo a beleza, a arte e a literatura, por exemplo. Na antiguidade, a questão da sobrevivência era resolvida a partir de aspectos simples, como o manuseio de comida, abrigo e prole. Apesar de, atualmente, terem acesso a muitos recursos distintos, os indivíduos enfrentam uma crise de valores na busca de sentidos para a existência. As autoras concluem que o sentido da vida é possível de ser alcançado a partir das vivências de cada pessoa, em um processo constante cujo sentido é a própria existência.

FONTE: DADOS DA PESQUISA, 2019

Quadro 8 – Artigo 08

Artigo 08	
Título	A terapia de crise segundo Alfredo Moffatt: Uma proposta fenomenológico-existencial
Autor(es)	SANTOS, G. A. O.
Ano	2016
Base de dados	CAPEs
Revista	Revista da Abordagem Gestáltica
Conclusões Gerais	A proposta teórica de Alfredo Moffatt para a Terapia de Crise como um modelo de atendimento fenomenológico-existencial é adequada à realidade brasileira, uma vez que se atenta às especificidades culturais latino-americanas. Os atendimentos com essa proposta interventiva ainda não são realizados no Brasil, mas são importantes frente às demandas sociais do país no que diz respeito à desigualdade social e a dominação de classes. Entendida como uma interrupção da estabilidade da vida, a crise, nesse sentido, amplia os objetivos das intervenções psicológicas para além de questões individuais, indo de encontro a origem do sofrimento das pessoas na medida em que estas estão em interação com os contextos onde estão inseridas. A questão cultural e social adquire a mesma importância dos aspectos internos no atendimento psicoterápico, inserindo a práxis clínica no circuito sócio-cultural em que as pessoas estão inseridas.

FONTE: DADOS DA PESQUISA, 2019

Quadro 9 – Artigo 09

Artigo 09	
Título	O Método Biográfico em Sartre: contribuições do Existencialismo para a Psicologia
Autor(es)	SCHNEIDER, D. R.
Ano	2008
Base de dados	CAPEs
Revista	Estudos e Pesquisa em Psicologia
Conclusões Gerais	A psicologia clínica pode se beneficiar ao implementar em sua prática a metodologia biográfica elaborada por Sartre. As perspectivas do método biográfico sartreano elucidam o indivíduo em suas particularidades, no seu projeto existencial, nos contextos da época e cultura em que está inserido, nos determinantes socioeconômicos, estabelecendo uma compreensão subjetiva e objetiva sobre a existência. Assim, essa perspectiva pode contribuir no estabelecimento de uma metodologia humana e existencial na psicologia.

FONTE: DADOS DA PESQUISA, 2019

Quadro 10 – Artigo 10

Artigo 10	
Título	A clínica Daseinsanalítica: Considerações Preliminares
Autor(es)	FEIJOO, A. M. L. C. de.
Ano	2011
Base de dados	BVS-Psi
Revista	Revista da Abordagem Gestáltica
Conclusões Gerais	A clínica psicológica daseinsanalítica acontece a partir da superação das limitações teóricas e metodológicas impostas pelas vertentes científicas, de modo a proporcionar uma atuação clínica através de uma postura fenomenológica, que promove condições de desenvolver espaços de abertura para as diferentes possibilidades de existência. A clínica acontece na medida em que a existência encontra-se desarticulada. O objetivo da clínica é facilitar a articulação do indivíduo com o mundo. É a angústia e as outras tonalidades afetivas, como o tédio, por exemplo, que são responsáveis por desencadear as práticas clínicas no sentido de promover a transformação da existência.

FONTE: DADOS DA PESQUISA, 2019

Quadro 11 – Artigo 11

Artigo 11	
Título	“A fuga de André”: uma intervenção psicoterapêutica
Autor(es)	MOTA, C. P.
Ano	2012
Base de dados	BVS-Psi
Revista	Estudos de Psicologia (Campinas)
Conclusões Gerais	Observa-se, através de um estudo de caso, o processo psicoterápico humanista como um espaço de crescimento pessoal que conduz o paciente ao seu funcionamento pleno. Ao indivíduo foram apresentadas oportunidades de aceitação e respeito, no sentido de promoção condições em que ele fosse capaz de suportar o sofrimento e compreender a si mesmo nos contextos onde vive. Os resultados manifestam a construção de um processo de crescimento pessoal, de autonomia e congruência como consequências da livre expressão de sentimentos e aceitação pessoal desenvolvidas no ambiente terapêutico.

FONTE: DADOS DA PESQUISA, 2019

Quadro 12 – Artigo 12

Artigo 12	
Título	Princípios fundadores e atualidade de uma prática psicoterapêutica de orientação fenômeno-estrutural
Autor(es)	BARTHELEMY, Jean-Marie
Ano	2015
Base de dados	BVS-Psi
Revista	Revista da Abordagem Gestáltica
Conclusões Gerais	O encontro é colocado como premissa importante para o estabelecimento do vínculo terapêutico. Além de estabelecer um contato com o paciente, permite ao profissional recolher dados clínicos que auxiliarão no desenvolvimento do processo terapêutico. Dessa forma, é na relação que o indivíduo se constrói como pessoa e evolui, atribuindo sentido à sua existência através de vivências compartilhadas e conjuntas.

FONTE: DADOS DA PESQUISA, 2019

Quadro 13 – Artigo 13

Artigo 13	
Título	A noção de angústia na prática clínica: aproximações entre o pensamento de Kierkegaard e a Gestalt-terapia
Autor(es)	HOLANDA, A. F.; PERES, M. B.;
Ano	2003
Base de dados	BVS-Psi
Revista	Estudos e Pesquisas em Psicologia
Conclusões Gerais	A angústia é vista pelos autores como um fenômeno essencialmente humano. Uma vez que a psicoterapia tem como objetivo conduzir os indivíduos aos estados de saúde, a angústia não é foco de atenção em psicoterapia, mas sim, a vivência que os clientes possuem dela. A superação da noção patologizante da angústia permite a superação da sua consideração enquanto sintoma para se integrar como condição essencial à existência humana. Nesse sentido, o objetivo da relação terapêutica se constitui em facilitar que os clientes se apoderem da angústia como um impulso que os retira de uma estabilidade e conseqüentemente, alienação, resgatando aspectos que sejam potencialmente transformadores e que apresentem possibilidades e caminhos para a construção e reconstrução do próprio eu.

FONTE: DADOS DA PESQUISA, 2019

Essa fase da pesquisa teve como objetivo apresentar uma investigação qualitativa das publicações nos periódicos BVS-Psi, CAPES e SciELO. Visando organizar as informações, apresentamos uma síntese dos resultados obtidos na integração do material nas tabelas e nos gráficos a seguir.

A Tabela 1 apresenta a relação do número de artigos encontrados nas bases de dados escolhidas como canais de busca para a realização da presente pesquisa.

Tabela 1 – Levantamento das publicações em bases de dados

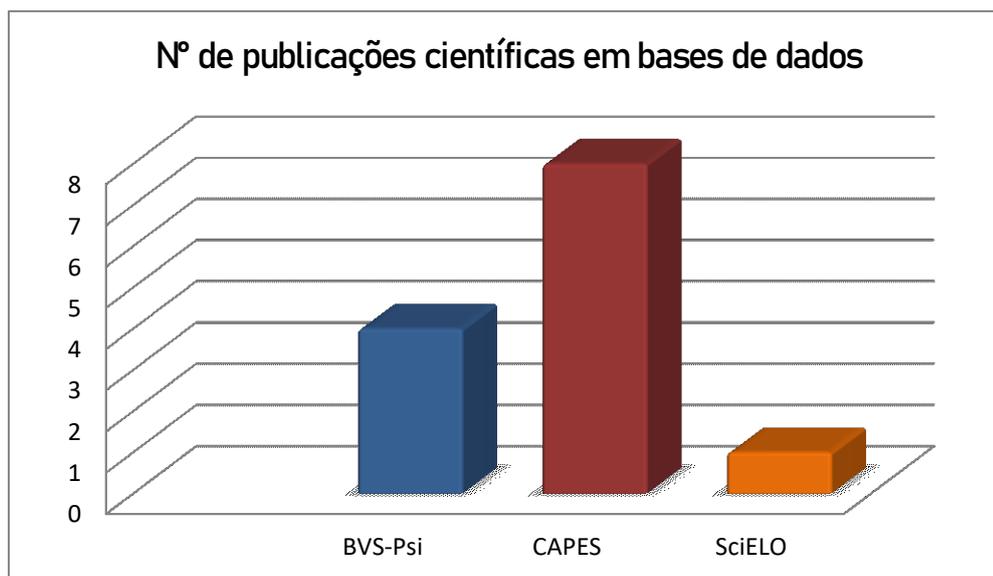
BASE DE DADOS	ARTIGOS (N)	DISSERTAÇÕES (N)	TESES (N)
<i>BVS-Psi</i>	4	-	-
<i>CAPES</i>	8	-	-
<i>SciELO</i>	1	-	-

FONTE: DADOS DA PESQUISA, 2019

Como demonstrado, é possível observar a prevalência do canal de busca Periódico CAPES no que diz respeito ao maior número de publicações indexadas, totalizando 8 artigos. Em seguida, aparece a base BVS-Psi, que disponibilizou 4 publicações. Por fim, a SciELO contribuiu com a indexação de 1 artigo referente ao tema da pesquisa. No total, foram 13 artigos publicados na integração dos dados dos periódicos.

As bases de dados BVS-Psi, Periódico CAPES e SciELO foram escolhidas como canais de busca para este trabalho na medida em que apresentarem maior número de publicações científicas brasileiras. O acesso aos estudos é disponibilizado nas próprias plataformas e são de acesso livre.

Dentre os 13 trabalhos científicos selecionados para a efetuação da análise de dados deste estudo, 12 foram encontrados de forma exclusiva nos respectivos canais de busca, sendo encontrado somente um trabalho duplicado nas bases Periódico CAPES e SciELO.

Gráfico 1 – Análise das bases de dados

FONTE: DADOS DA PESQUISA, 2019

Na identificação das revistas em que os artigos selecionados para análise foram publicados, observa-se a existência de uma predominância de publicações na Revista da Abordagem Gestáltica, totalizando quatro artigos. Em seguida, o periódico Estudos e Pesquisa em Psicologia se destaca dos demais, indexando dois trabalhos. As demais revistas apresentaram somente uma publicação.

Tabela 2 – Levantamento das publicações por revistas

REVISTAS	QUANTIDADE
Psicologia e Saúde em Debate	1
Psicologia: Ciência e Profissão	1
Ekstasis: revista de hermenêutica e fenomenologia	1
Psicologia em Estudo	1
Revista de Administração Pública	1
Avances en Psicología Latinoamericana	1
Revista da Abordagem Gestáltica	4
Estudos e Pesquisa em Psicologia	2
Estudos de Psicologia (Campinas)	1

FONTE: DADOS DA PESQUISA, 2019

Como proposto por Feijoo (2011), os primeiros estudos sobre a psicologia humanista-existencial começaram a ser realizados em meados da década de quarenta, em oposição e como crítica filosófica às interpretações da subjetividade humana realizadas pela ciência positivista do século XIX. O objetivo dessa nova visão de mundo e de homem era ampliar a metodologia utilizada pela ciência psicológica, com a proposta de torna-la uma ciência humanizada para que assim fosse capaz de atender às necessidades humanas.

Apesar de ser possível observar, na literatura em geral, um grande avanço dos estudos a respeito da clínica psicológica humanista-existencial, os dados levantados na análise dos artigos com relação ao ano de publicação sugerem escassez de estudos na literatura científica brasileira sobre o tema da crise e ressignificação da existência no contexto da psicologia clínica humanista-existencial.

O Gráfico 2 apresenta o levantamento desses dados, demonstrando a predominância de estudos nos anos de 2008, 2011 e 2015, contendo cada um deles duas publicações, respectivamente. Os demais artigos foram publicados cada um, em um ano diferente. Não foram encontradas publicações nos primeiros quatro anos que também faziam parte dos critérios de inclusão da pesquisa (1999 a 2002). Em relação aos dez últimos anos, apenas os anos de 2010, 2013 e 2019 não apresentaram publicações de artigos referentes ao tema da pesquisa.

Gráfico 2 – Análise por ano de publicação



FONTE: DADOS DA PESQUISA, 2019

A partir dos treze artigos selecionados e examinados, a integração das informações é evidenciada, variando entre aspectos formais que contribuem para o levantamento científico e para a organização das produções brasileiras sobre o tema abordado nesta pesquisa.

De um modo geral, as temáticas abordadas pelos estudos envolveram a discussão sobre os conceitos de angústia e existência sob a perspectiva da abordagem humanista-existencial, apresentando amplos referenciais para contextualizar o tema e discutir sobre as contribuições da clínica psicoterápica desta abordagem no que diz respeito aos processos humanos de crescimento e ressignificação existenciais.

No que diz respeito à abordagem metodológica adotada pelas publicações, observou-se a predominância de pesquisas qualitativas, do tipo exploratório, revisões bibliográficas e estudos de caso. Não houve especificação de população e amostra estudada na maioria dos estudos, sendo somente um deles focado em um caso clínico de um adolescente.

A partir da integração dessas informações, realizamos a seguir uma discussão geral dos resultados coletados diante da análise dos artigos, integrando-os à temática central deste trabalho a fim de discorrer sobre como a literatura científica tem abordado o tema da crise e ressignificação da existência no contexto da psicologia clínica humanista-existencial.

4.2 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Partindo da proposta apresentada ao longo da exposição do material deste trabalho, discutiremos neste tópico os aspectos referentes aos conceitos de angústia, crise e ressignificação da existência. A análise do material selecionado integra a oportunidade de apresentar uma discussão bibliográfica no sentido de compreender como a literatura científica abordada o tema da crise e ressignificação da existência no contexto da psicologia clínica humanista-existencial. A seguir, são apresentadas as seções de discussão que dão embasamento para a realização da presente pesquisa.

4.2.1 A angústia e a sua interface com a vida cotidiana: uma jornada com destino ao desconhecido

O homem é aquilo que se é. E já que existe, a condição básica para a sua sobrevivência enquanto humano é ser existente. Mas ser o quê? Ser enquanto existência!

Dias e Guimarães (2017) concordam com essa afirmativa na medida em que consideram a existência a partir da presença do ser no mundo. A existência é única para cada pessoa, um privilégio individual que não é passível de transmissão. Isto implica em uma dialética entre o ser e o mundo, que se desenvolvem em conjunto a partir de transformações

recíprocas. Entretanto, “são dialeticamente distintos e não podem se unir e nem se separar, porém, implicam-se mutuamente” (DIAS; GUIMARÃES, 2017, p. 46).

O indivíduo e o mundo são assim considerados enquanto uma unidade, uma vez que um precisa do outro para existir. “Em outras palavras, o homem existe no mundo, homem e mundo são um só. Não há mundo sem o homem e não há homem sem o mundo” (FRAGA; SCHULTZ, 2009, p. 76).

Nesse sentido, a identidade das pessoas adquire significado a partir da relação com o conjunto da realidade social, que, por sua vez, também é alterada na construção desses conteúdos. O ser se constitui enquanto humano através da interação com o mundo, e o conjunto deste último, por sua vez, constrói a realidade a partir da relação com o modo de ser do homem (DUTRA; ROEHE, 2014). Assim, o que caracteriza a humanidade é o fato de que ela rejeita a ideia do isolamento dos indivíduos, aceitando que a vida se desenvolve na convivência e na interação em um mundo compartilhado.

Fraga e Schultz (2009) enfatizam ainda que a compreensão da unidade entre sujeito e mundo como a expressão da existência deve se basear na questão da singularidade. É através do individual que o sentido é alcançado, pois este é formado por um conjunto de significados históricos e sociais que contribuem para a o processo dialético do existir.

O homem é aquilo que ele faz de si mesmo. Estando lançado no mundo, se desenvolve em um processo de temporalização, sendo esta a sua capacidade de transitar no tempo. Existindo no presente, ele é capaz de ir ao futuro e retornar ao passado, integrando-os em suas vivências atuais. O homem antecede a si mesmo, projetando-se em uma abertura para diferentes possibilidades de existir (DUTRA; ROEHE, 2014). O que caracteriza o seu presente é a dinâmica que estabelece para si mesmo no tempo, através de suas escolhas. A vivência na temporalidade traz à consciência da finitude da vida.

Como proposto por Vieira (2009), cada pessoa faz escolhas diante dos outros e se escolhem frente aos seus semelhantes. A existência constrói os indivíduos como seres responsáveis pelos seus projetos de vida, sendo a escolha uma condição essencial para a realização deste. Entretanto, como comentando anteriormente, a singularidade é condição para a transformação do mundo, de modo com que a possibilidade de escolher para si mesmo tem consequências para com os contextos em que o indivíduo faz parte.

Com base nesses dados, é possível afirmar que a escolha representa o processo central e imprescindível para a natureza humana. Ao escolher, o homem aceita a sua condição humana tal como ela é, reconhecendo suas particularidades como consequências de suas

decisões e, assim, aproximando-se ou afastando-se de si mesmo. Através das escolhas, o indivíduo se torna responsável por atribuir sentido a sua existência a partir de um modo contínuo de interação, compreensão e construção tanto de si mesmo quanto do mundo a sua volta.

O homem é angústia na medida em que não é apenas aquilo que escolheu para ser, pois as coisas foram dadas desse jeito e não há como mudar isso (DIAS; GUIMARÃES, 2017). Dutra e Roehe (2014) chamam esse movimento de facticidade, isto é, a condição determinada da existência em que as pessoas são lançadas no mundo e conduzem a si mesmas a partir de aspectos históricos e sociais. A existência, dessa forma, não é apenas aquilo que escolheu para ser, mas assim como, aquilo que fizeram dela.

Presente em um mundo composto por seus semelhantes, o indivíduo já faz parte de uma realidade estabelecida por meio de práticas e conhecimentos prévios, que determinam o modo como as pessoas devem conduzir a vida. A esta condição, Dutra e Roehe (2014), embasados nos pensamentos de Heidegger (2005), chamam-na de impessoal.

A reprodução do impessoal na vida cotidiana se apropria da responsabilidade das decisões individuais, facilitando a condução da vida através de rotinas socialmente partilhadas. Em outras palavras, na vida cotidiana, aquilo que as pessoas são, fazem, dizem ou sentem, por exemplo, é compartilhado, ou seja, feito como os outros são, fazem, dizem ou sentem (DUTRA; ROEHE, 2014). O impessoal retira a noção de responsabilidade individual na medida em que o ser não precisa fazer escolhas para conduzir sua vida. As circunstâncias da vida cotidiana determinam o sentido da vida, de modo com que, muitas vezes, as pessoas reproduzem características que não são propriamente delas.

O cotidiano faz da existência como impessoal de si mesma. Logo, o homem é inautêntico, pois se apropria de características impessoais para dar sentido à sua vida. O indivíduo inautêntico é aquele que foge de si mesmo em um movimento de esconder aquilo que ele é. Então, ele foge devido a um desejo de esconder-se de si mesmo, mas não pode ignorar o fato de que está fugindo de algo (FRAGA; SCHULTZ, 2009). O distanciamento da angústia é da mesma forma, a aproximação dela, uma vez que só podemos fugir daquilo que conhecemos. O que conhecemos somos nós mesmos, pois somos aquilo que desejamos esconder.

De acordo com Feijoo et al. (2015), a vida em si é angustiosa; a angústia não possui um motivo para angustiar-se; a angústia é a angústia em si mesma, ou seja, se angustia com o nada, que não existe em lugar algum. Vale ressaltar que nesse caso, o nada não representa a

ausência no mundo, mas sim, manifesta a indeterminação e as possibilidades de abertura ao mundo. A angústia é assim uma estrutura ontológica, de forma com que se angustia com a existência tal como ela é.

Por isso, Dutra e Roehe (2014) propõem a angústia como disposição fundamental para retirar o ser da imersão no cotidiano e conduzi-lo novamente para que este ocupe um lugar de influência na sua própria vida.

A essência da vida é então construída em um processo de vivências constantes, sendo que não existe uma estrutura que antecede o ser humano e que seja responsável por definir e atribuir sentido à sua existência. A vida é constituída por um contínuo processo de tornar-se, sendo que isto só é encerrado com o único evento pelo qual se tem certeza diante a existência: a morte (DIAS; GUIMARÃES 2017). Nesse sentido, o homem se angustia na medida em que é constituído por uma indeterminação que apresenta a sua existência como o próprio limite de ser quem se é.

A angústia é entendida como uma condição (FRAGA; SCHULTZ, 2009), um sentimento de náusea e desespero (VIEIRA, 2018) e uma tonalidade afetiva (FEIJOO et al., 2015) ligada ao existir. Sua principal característica envolve um desconforto que, muitas vezes, não é passível de ser explicado. As pessoas, de um modo geral, encontram-se angustiadas em muitos momentos de suas vidas, sem conseguir definir os motivos que mantêm esse sentimento.

O que se conclui é que ao ser humano são impostos diferentes conflitos ao longo de todo o processo do existir devido à necessidade de ser responsável por si mesmo e pelo mundo em que está inserido. A angústia surge na medida em que a consciência da responsabilidade é despertada. De acordo com Dias e Guimarães (2017, p. 51) “o corpo é finito e a morte, a constatação dessa realidade”. É por esse motivo que a escolha emerge como uma necessidade à existência, uma vez que ela determina ao homem que ele não seja tudo ao mesmo tempo.

Apesar do seu caráter desconfortável e, em alguns casos, por causar sofrimento, a angústia impulsiona as ações das pessoas na medida em que não as impede de agir, mas que simplesmente acontece e gera uma transformação, independente das características pelas quais está envolvida. Seja para ampliar ou limitar os aspectos vivenciais, o indivíduo angustiado está em constante movimento, isto é, está existindo.

4.2.2 A clínica humanista-existencial: da crise à resignificação da existência

O que a dialética da história da humanidade nos apresenta é uma afirmação de que os seres humanos estarão sempre em buscar de atribuir sentido para a vida. Abritta e Carneiro (2008) em seus estudos apresentam, através de uma análise arqueológica, uma série de atividades em que o homem se ocupou, ao longo da história humana, em atribuir sentido à existência e expressar experiências emocionais. A arte, a poesia, a literatura, os rituais e as tradições ou crenças são exemplos dessas atividades construídas ao longo do tempo. Com isso, fica evidente que para os indivíduos é mais fácil descobrir o sentido na criação do que no vazio (ABRITTA; CARNEIRO, 2008).

Em um mundo contemporâneo em que o que predomina é a tecnologia em detrimento do contato com o outro, é possível observar o empobrecimento do ser e a valorização material. O que se sugere então para o resgate do humano é um encontro consigo mesmo, uma vez que “quando não temos mais condições de mudar uma situação, ainda podemos ser estimulados a mudar nós mesmos” (ABRITTA; CARNEIRO, 2008, p. 193).

Mesmo que não seja clara a intencionalidade das vivências, a existência do confronto por si só conduz o indivíduo a resignificar a própria existência, ainda que para isso ele faça a escolha de viver na impessoalidade, ou seja, de existir sob uma fachada.

O verbo transitivo “ressignificar” é utilizado pela neurolinguística para representar o processo em que as pessoas atribuem novos significados aos acontecimentos da vida. Isso acontece a partir das mudanças em suas percepções sobre si mesmas e sobre o mundo. A experiência vivida é assim resignificada quando o sentido muda, mesmo que para isso o sofrimento seja inevitável. O que se pretende afirmar é que mesmo em situações adversas, a existência pode amadurecer e permitir o crescimento dos indivíduos.

Só é possível conhecer aquilo que é experimentado, independente do seu caráter; seja no sofrimento ou na satisfação, ambos estimulam o indivíduo a crescer e se transformar ao longo de suas experiências.

O conflito gerado pela angústia manifesta a crise do projeto impessoal da existência, sendo porta de entrada para o processo de singularização (FEIJOO, 2011). As indagações que surgem às pessoas com relação aos aspectos da vida podem influenciar a diminuição ou o crescimento do envolvimento pessoal. Assim, a psicologia humanista-existencial se desenvolve em torno da angústia como característica que apresenta às pessoas diferentes possibilidades de atribuir sentido à existência ao longo do tempo (FEIJOO et al., 2015).

Uma vez que a angústia é considerada como uma condição inerente à existência humana (FRAGA; SCHULTZ, 2009), não é possível que o homem a exclua totalmente de sua vida. Pelo contrário, ele pode assumir o poder sobre ela, de modo a utilizá-la como um motor para o seu crescimento. Ao entrar em contato com a própria angústia, a pessoa poderá enxergar para além dela. Uma vez que não precisa mais negar a presença dela encobrindo-a com aspectos externos a si mesmo, o indivíduo pode incorporar a angústia à sua globalidade individual, assumindo que essa tonalidade afetiva representa apenas uma parte de si, de modo com que ela não é maior do que ele (HOLANDA; PERES, 2003). A existência é o conjunto das possibilidades de ser.

Seja como uma queixa, um conceito ou uma situação concreta da vida cotidiana, a crise existencial é uma situação que está atualmente presente nos diversos consultórios clínicos de psicólogos que exercem a profissão ao redor do Brasil. Definida por Santos (2016), com embasamento nos estudos realizados por Moffat (1987) como uma interrupção da estabilidade da vida, a crise tem a desordem biopsicossocial como característica principal, uma vez que provoca no indivíduo uma percepção de estranhamento e desorganização das atividades cotidianas. No estado de crise, o adoecimento é expresso organicamente no modo de vida próprio de cada ser humano (SANTOS, 2016).

A presença de um desequilíbrio faz parte de um combate pessoal, de modo com que, em alguns casos, evitar o conflito é uma das respostas mais comuns expressas pelas pessoas. Nesse sentido, a psicologia humanista-existencial se desenvolve em torno da atmosfera da angústia (FEIJOO et al., 2015) como uma condição existencial que, ao ser integrada com os objetivos de intervenção da clínica psicológica estudada neste trabalho, coloca o homem diante de si mesmo e facilita reflexões sobre a sua condição para prepará-lo para uma ruptura necessária: a de fazer uma escolha para sua realização enquanto pessoa.

Por conta disso, o sintoma ou a doença não são foco de intervenção do humanismo-existencialismo. O objetivo da atuação nessa vertente está voltado aos processos que mantêm a doença e os seus respectivos sintomas, buscando permitir que os clientes restaurem os próprios recursos internos e os elaborem em um funcionamento saudável de suas totalidades como pessoas (SCHNEIDER, 2008). Visando a saúde como um estado completo de bem-estar físico, mental e social, e não apenas como a ausência de doenças, a saúde se configura como um direito humano universal, cuja promoção aos indivíduos requer a ação de diferentes setores e agentes (OMS, 1978). Sendo a psicologia a ciência com segmento na saúde mental, cabe à ela proporcionar aos indivíduos contextos em que a saúde seja o foco das intervenções,

uma vez que ela é circunstancia importante para o desenvolvimento do ser como humano. Assim, o intuito da clínica humanista-existencial frente situações de crises existenciais é de proporcionar um ambiente em que os indivíduos ressignifiquem a própria existência a partir de possibilidades de novos projetos de ser, ligados assim aos processos de promoção de saúde e prevenção de doenças.

As ideias propostas por Holanda e Peres (2003) manifestam a finalidade deste trabalho, na medida em que propõem o resgate humano em aspectos que contribuam para a transformação, o amadurecimento e a criação de oportunidades para a constituição de si mesmo em um processo contínuo, ou seja, um processo de vir-a-ser. Essas ideias implicam na necessidade de que os seres humanos se desconstruam e reconstruam ao longo de suas vivências, sendo preciso se reinventar ao longo de toda a vida.

A partir desses dados, o objetivo do presente trabalho foi atingido, na medida em que através de uma integração da literatura científica, foi possível verificar uma concordância teórica entre as publicações da abordagem humanista-existencial no que diz respeito à utilização de uma metodologia interventiva que facilite ao cliente, em meio a situações de crise, o desenvolvimento de suas potencialidades para o enfrentamento de dificuldades e, respectivamente, para crescimento e amadurecimento pessoal.

Com cerca de um século de existência, é evidente a necessidade de considerar que a Psicologia contribuiu com grande número de estudos no campo do conhecimento científico, principalmente no que diz respeito aos temas relacionados à natureza humana. Os numerosos estudos com ênfase no humanismo-existencialismo serviram como base para o desenvolvimento de outros modelos terapêuticos, de forma com que a semelhança entre eles foi encontrada na finalidade de apresentar ao cliente um ambiente respeitoso e livre de julgamentos, facilitando um encontro pessoal, assim como, autonomia sobre a própria vida, para que assim seja possível que ele assuma livremente a responsabilidade por sua existência (MOTA, 2012). Fato é que, em grande parte dos diversos contextos da vida cotidiana, o fazer psicológico favorece a promoção do bem-estar e da saúde populacional.

É importante ressaltar ainda que a metodologia humanista-existencial não possui o objetivo de curar os indivíduos de seus problemas, mas pelo contrário, esse enfoque busca apresentar um ambiente acolhedor que auxilie o cliente a superar as suas dificuldades, compreendendo a dinâmica da sua existência (BARTHELEMY, 2015) e assim, aproximando-o novamente de si e, dessa forma, crescendo como pessoa.

Quando defendemos a situação da crise como um impulso para o crescimento e para a ressignificação da existência, não estamos propondo, com isso, a ideia de que as pessoas devem aceitar o sofrimento como o único caminho para a superação dos conflitos. Buscamos, pelo contrário, apresentar a crise existencial como um dado de realidade, que faz parte da existência, e, nesse sentido, contribui para a superação de uma alienação em relação à própria vida.

5 CONCLUSÃO

Considerada como uma ciência relativamente recente, a Psicologia está continuamente sendo construída. Possuindo uma ampla gama de enfoques teóricos responsáveis por formular leis para a compreensão global do comportamento humano, essa ciência enfrenta algumas dificuldades, principalmente no que diz respeito à constatação científica de seus métodos e ferramentas interventivas. Apesar dessas limitações, a Psicologia não é desqualificada enquanto ciência; a necessidade de aprimorar seus conhecimentos e suas práticas tradicionais diante dos desafios apresentados por essas dificuldades permite a ela um desenvolvimento científico constante. Sendo o ser humano um objeto de estudo indeterminado, a presença de diversas teorias é a condição para o desenvolvimento científico do saber psicológico.

Para além das particularidades de cada abordagem pertencentes à Psicologia, todas elas concordam entre si de que o objetivo central de toda psicoterapia está na capacidade de auxiliar as pessoas no processo de tomada de consciência de seus aspectos internos, facilitando o confronto com possíveis conflitos que são experimentados por todos os indivíduos no decorrer da vida humana. Nesse sentido, estar saudável não é sinônimo de alguma normalidade, pelo contrário, a Psicologia evidencia que a saúde é um processo alcançado na medida em que o homem estabelece um diálogo consigo mesmo, com as suas questões internas e o mundo ao seu redor.

Considerando ainda que o psicólogo, para além da postura profissional também é um ser humano que convive com a dinâmica da existência apresentada no decorrer desta pesquisa, entendemos que ele deve estar suficientemente fortalecido em seus aspectos profissionais e pessoais para oferecer suporte à pessoa em momento de crise. Para tanto, é importante que o profissional tenha um conhecimento significativo sobre o tema e sobre si mesmo, podendo assim diferenciar os conteúdos relativos ao atendimento psicológico e os seus próprios conflitos pessoais, bem como pontos de vulnerabilidade que podem ser manifestados diante de tal situação. Desta forma, o psicólogo deve estar preparado para lidar com conflitos que dizem respeito tanto aos seus clientes quanto aos seus conteúdos internos. Nesse caso, faz-se necessário não somente o cuidado com a pessoa em situação de crise, mas assim como, ao próprio profissional através de indicação de psicoterapia.

Devido à diversidade das circunstâncias que envolvem as situações de crises existenciais, a prática clínica em psicologia enfrenta uma gama de peculiaridades que merecem ser alvo de estudos. Assim, sugere-se ser necessário realizar investimentos para o

desenvolvimento de publicações científicas no Brasil, no sentido de que estas auxiliem e orientem o exercício da psicoterapia no país.

Tendo em vista que a pesquisa realizada teve caráter qualitativo, não se almejava fazer generalizações ou prever resultados. O que se espera dos dados apresentados ao longo deste trabalho é que eles possibilitem uma ampliação do tema em posteriores pesquisas, assim como, o aprimoramento das práticas psicológicas em intervenções que direcionem as pessoas ao encontro de suas potencialidades e ao resgate da angústia oculta pelo cotidiano, pois enquanto condição inerente à vida humana, a angústia permite a produção de uma existência singular.

O que precisamos para existir de maneira saudável e autêntica é a compreensão de que tudo é temporário, isto é, perceber que somos seres em construção e que atribuímos sentido à vida na medida em que fazemos parte de um movimento inconstante, na medida em que simplesmente existimos.

REFERÊNCIAS

- ABRITTA, Stella; CARNEIRO, Cláudia. Formas de Existir: a busca do sentido para a vida. **Revista da Abordagem Gestáltica**, Goiânia, v. 14, n. 2, p. 190-194, 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672008000200006. Acesso em 24 de janeiro de 2019.
- AITA, Elis Bertozzi; FACCI, Marilda Gonçalves. Dias. Subjetividade: uma análise pautada na Psicologia histórico-cultural. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 17, n. 1, p. 32 – 47, 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682011000100005. Acesso em 15 de março de 2019.
- AMATUZZI, Mauro Martins. **Por uma Psicologia Humana**. 2 ed. São Paulo: Alínea, 2008.
- AQUINO, Thiago. A Decadência da Existência: Notas Sobre a Mobilidade da Vida. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 38, n. 2, p. 35 – 52, 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31732015000200035&lng=en&nrm=iso. Acesso em 26 e maio de 2019.
- BARTHELEMY, Jean-Marie. Princípios fundadores e atualidade de uma prática psicoterapêutica de orientação fenômeno-estrutural. **Revista da Abordagem Gestáltica**, Goiânia, v. 21, n. 2, p. 143 – 149, 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672015000200004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 12 de outubro de 2019.
- BERGER, Peter Ludwing; LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade**. 23 ed. Petrópolis: Vozes, 1985.
- BRITO, Rosa Angela Cortez de; PAIVA, Vilma Maria Barreto. Psicoterapia de Rogers e ludoterapia de Axline: convergências e divergências. **Rev. NUFEN**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 102-114, 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912012000100009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 25 de julho de 2019.
- BORIS, Georges Daniel Janja Bloc; MOREIRA, Virginia; TELLES, Thabata Castelo Branco. O conceito de tendência atualizante na prática clínica contemporânea de psicoterapeutas humanistas. **Revista da abordagem gestaltáltica**, Goiânia, v. 20, n. 1, p. 13-20, 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672014000100003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 26 de julho de 2019.
- BOSS, Merdad. **Angústia, culpa e libertação**. 4 ed. Ano: Editora, 1988.
- BOTELHO, Louise Lira Roedel et al. O método da Revisão Integrativa nos estudos organizacionais. **Gestão e sociedade**, Belo Horizonte, v. 5, n. 11. p. 121-136, 2011. Disponível em: <https://www.gestaoesociedade.org/gestaoesociedade/article/view/1220>. Acesso em 20 de setembro de 2019.
- CAMPOS, Fabiano Victor de O. O conceito de angústia como reflexão filosófica sobre a liberdade humana. **Sapere aude**, Belo Horizonte, v. 8, n. 15, p. 187-210, 2017. Disponível

em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/P.2177-6342.2017v8n15p187>. Acesso em 12 de julho de 2019.

CARVALHO, Rachel de et al. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 102-106, 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-45082010000100102&lng=en&nrm=iso. Acesso em 20 de setembro de 2019.

CIAMPA, Antônio da Costa. **A estória do Severino e a história da Severina**: um ensaio de psicologia social. 1 ed. São Paulo, Brasiliense, 2001.

COSTA, Lúcia Helena Ferreira Mendonça; PESSOA, Camila Turati. Constituição da identidade infantil: significações de mães por meio de narrativas. **Psicologia Escolar e Educacional**, Maringá, v. 18, n. 3, p. 501 – 509, 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572014000300501&lng=en&nrm=iso. Acesso em 22 de novembro de 2019.

DIAS, Cátia de Castro; GUIMARÃES, Olinta de Oliveira. A angústia de (ser) e sua interface com a existência e a morte. **Psicologia e Saúde em Debate**, v. 2. n. 2, p. 42 – 57, 2017. Disponível em: <http://psicodebate.dpgpsifpm.com.br/index.php/periodico/article/view/35/24>. Acesso em 01 de outubro de 2019.

DUTRA, Elza; ROEHE, Marcelo Vial. Dasein, o entendimento de Heidegger sobre o modo de ser humano. **Avances en Psicología Latinoamericana**, Colombia, v. 32, n. 1, p. 105 – 113, 2014. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4798420.pdf>. Acesso em 04 de outubro de 2019.

FRAGA, Valderéz F.; SCHULTZ, Joana Ayla Donzelli. Velamento da angústia existencial do cidadão e do homem público e o sentido de um dever ser próprio a ações sérias. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 43, n. 1, p. 67 – 91, 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-76122009000100005&lng=en&nrm=iso. Acesso em 04 de outubro de 2019.

FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo de. A clínica Daseinsanalítica: considerações preliminares. **Revista Abordagem Gestáltica**, Goiânia, v. 17, n. 1, p. 30 – 36, 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672011000100006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 12 de julho de 2019.

FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo de. A crise da subjetividade e o despontar das psicologias fenomenológicas. **Psicologia em Estudo**, Paraná, v. 16, n. 3, p. 409 – 417, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v16n3/v16n3a08>. Acesso em 27 de setembro de 2019.

FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo de et al. Kierkegaard, a Escola da Angústia e a Psicoterapia. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 35, n. 2, p. 572 – 583, 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932015000200572&lng=en&nrm=iso. Acesso em 01 de outubro de 2019.

FERREIRA, Acylene Maria Cabral. Culpa e angústia em Heidegger. **Cogito**, Salvador, v. 4, p. 75 – 79, 2002. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-94792002000100012&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 26 de maio de 2019.

FORTES, Lara Soares. **Identidade da mulher contemporânea e solitude**: uma análise comparativa das aproximações e distanciamentos conceituais. 2017. Monografia (Graduação em Psicologia) – Universidade de Taubaté, Taubaté, São Paulo.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONÇALVES, Ruth Maria de Paula; YAMAMOTO, Oswaldo Hajime. Fundamentos teórico-práticos da psicologia social: um debate histórico e necessário. **Revista Psicologia Política**, São Paulo, v. 15, n. 32, p. 17 – 31, 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2015000100002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 18 de outubro de 2019.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. 15 ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

HOLANDA, Adriano Furtado. PERES, Manuela Bogéa. A noção de angústia na prática clínica: aproximações entre o pensamento de Kierkegaard e a Gestalt-terapia. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 97 – 118, 2003. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812003000200007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 05 de outubro de 2019.

KIERKEGAARD, Soren. **O conceito de angústia**. 1 ed. São Paulo: Hemus, 2007.

LEONTIEV, Alexei. **O desenvolvimento do psiquismo**. 2 ed. São Paulo: Centauro, 2004.

MACEDO, Rosa Maria. A família do ponto de vista psicológico: lugar seguro para crescer?. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 91, p. 62 – 68, 1994. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/877/883>. Acesso em 8 de março de 2019.

MAHEIRIE, Kátia. Constituição do sujeito, subjetividade e identidade. **Interações**, São Paulo, v. 7, n. 13, p. 31 – 44, 2002. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141329072002000100003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 29 de outubro de 2019.

MARTINS, Carlos Benedito. Em defesa do conceito de sociedade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 28, n. 82, p. 229 – 234, 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092013000200014. Acesso em 12 de março de 2019.

MARTINS, Estevão de Rezende. Processos históricos, aprendizagem e educação de uma “segunda natureza humana”. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 60, p. 73 – 91, 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40602016000200073&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em 12 de março de 2019.

MASLOW, Abraham Harold. **Introdução à Psicologia do Ser**. 2 ed. Rio de Janeiro: Eldorado. 1962.

MAY, Rollo. **Liberdade e Destino**. 1 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

MIRANDA, Sheila Ferreira. Identidade sob a perspectiva da Psicologia Social crítica: revisitando os caminhos para a edificação de uma teoria. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, v. 5, n. 2, p. 124 – 137, 2014. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/psicologiaufc/article/view/1481/1379>. Acesso em 01 de maio de 2019.

MOFFAT, Alfredo. **Terapia de Crise: teoria comportamental do psiquismo**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 1987.

MOREIRA, Virginia. Revisitando as fases da abordagem centrada na pessoa. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, Campinas, v. 27, n. 4, p. 537-544, 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2010000400011&lng=en&nrm=iso. Acesso em 26 de julho de 2019.

MOTA, Catarina Pinheiro. "A fuga de André": uma intervenção psicoterapêutica. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, Campinas, v. 29, n. 1, p. 809 – 820, 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2012000500017&lng=en&nrm=iso. Acesso em 10 de outubro de 2019.

OMS. **Conferência Internacional sobre Cuidados Primários de Saúde**: Alma-Ata, 1978.

PROCÓPIO, Denise. **A crise como possibilidade de crescimento humano: psicologia existencial à luz da ontologia de Martin Heidegger**. 1 ed. Lorena: Stiliano, 2000.

ROGERS, Carl Ransom. **Tornar-se pessoa**. 6 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

ROSA, Elisa Zaneratto; ANDRIANI, Ana Gabriela. Psicologia Sócio-Histórica: uma tentativa de sistematização epistemológica e metodológica. In. KAHHALE, Edna Maria Peters (Org). **A Diversidade da Psicologia: uma construção teórica**. São Paulo: Cortex, 2002.

SALLES, Leila Maria Ferreira; SILVA, Joyce Mary Adam de Paula e. Diferenças, preconceitos e violência no âmbito escolar: algumas reflexões. **Cadernos de Educação (UFPEL)**, 30, 149-166, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/view/1768/1643>. Acesso em 08 de agosto de 2019.

SAMPAIO, Jáder dos Reis. O Maslow desconhecido: uma revisão de seus principais trabalhos sobre motivação. **R. Adm.**, São Paulo, v. 44, n. 1, p. 5-16, 2009. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2234/223417526001.pdf>. Acesso em 24 de julho de 2019.

SANTOS, Gustavo Alvarenga Oliveira. A terapia de crise segundo Alfredo Moffatt: uma proposta fenomenológico-existencial. **Revista da Abordagem Gestáltica**, Goiânia, v. 22, n. 2, p. 198 – 206, 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672016000200012&lng=pt&nrm=iso. Acesso de 04 de outubro de 2019.

SARTRE, Jean-Paul. **Ser e o nada: ensaio de fenomenologia ontológica**. 13 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

SAVIANI, Dermeval. Perspectiva marxiana do problema subjetividade-intersubjetividade. In: Duarte, Newton. (Org.). **Crítica ao fetichismo da individualidade**. 1 ed. Campinas: Autores Associados, 2004. p. 21-52.

SILVA, Flávia Gonçalves da. Subjetividade, individualidade, personalidade e identidade: concepções a partir da psicologia histórico-cultural. **Psicologia da Educação**, São Paulo, n. 28, p. 169 – 195, 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psie/n28/v28a10.pdf>. Acesso em 01 de maio de 2019.

SCHNEIDER, Daniela Ribeiro. O Método Biográfico em Sartre: contribuições do Existencialismo para a Psicologia. **Estudos e Pesquisa em Psicologia**, Rio de Janeiro, n. 2, p. 289 – 308, 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v8n2/v8n2a13.pdf>. Acesso em 18 de outubro de 2019.

TEIXEIRA, José A. Carvalho. Introdução à psicoterapia existencial. **Aná. Psicológica**, Lisboa, v. 24, n. 3, p. 289-309, 2006. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312006000300003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 26 de julho de 2019.

VIEIRA, Nathan Ramos. A náusea e as ideias de O existencialismo é um humanismo: uma leitura crítica. **Ekstasis: revista de hermenêutica e fenomenologia**, v. 7, n. 2, p. 07 – 28, 2018. Disponível em: <https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/Ekstasis/article/view/38287/29933>. Acesso em 28 de outubro de 2019.